

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA

Fernanda Carneiro de Bastos Souto

As questões LGBT no ensino da Odontologia

Uberlândia

2023

Fernanda Carneiro de Bastos Souto

As questões LGBT no ensino da Odontologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família – PROFSAÚDE, vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde da Família.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

Linha de Pesquisa: Educação e saúde: tendências contemporâneas da educação, competências e estratégias de formação profissional.

Uberlândia

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S728q
2023

Souto, Fernanda Carneiro de Bastos, 1974-
As questões LGBT no ensino da Odontologia [recurso eletrônico] /
Fernanda Carneiro de Bastos Souto. - 2023.

Orientador: Emerson Fernando Rasera.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Saúde da Família.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.8001>
Inclui bibliografia.

1. Família - Saúde e higiene. I. Rasera, Emerson Fernando, 1972-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
graduação em Saúde da Família. III. Título.

CDU: 613.9

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família

Av. Pará, 1720, Bloco 2U, Sala 08 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: -
www.famed.ufu.br - ppsaf@famed.ufu.br**1. ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	Saúde da Família				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional nº 002/2023 do PPGSAF				
Data:	27 de janeiro de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	15:50
Matrícula do Discente:	12012PSF002				
Nome do Discente:	Fernanda Carneiro de Bastos Souto				
Título do Trabalho:	As questões LGBT no ensino da Odontologia				
Área de concentração:	Saúde da Família				
Linha de pesquisa:	Educação e saúde: tendências contemporâneas da educação, competências e estratégias de formação profissional.				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Diversidade sexual, saúde e formação profissional				

Reuniu-se na sala virtual na Plataforma *Webconferência - MConf/RNP*, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família, assim composta: Professores Doutores: Flavia do Bonsucesso Teixeira - FAMED/UFU, Lucas Pereira de Melo - EERP/USP e Emerson Fernando Rasera, orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

https://www.sei.ufu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=4730517&infra_siste...
1/2

02/02/2023 16:08 SEI/UFU - 4221943 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



Documento assinado eletronicamente por **Emerson Fernando Rases, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/01/2023, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flávia do Bonsucesso Teixeira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/01/2023, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Pereira de Melo, Usuário Externo**, em 31/01/2023, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4221943** e o código CRC **76BB781C**.

Referência: Processo nº 23117.006123/2023-47

SEI nº 4221943

Aprovada em 27 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira

PPGSAF - PROFSAÚDE - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Lucas Pereira de Melo

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

PPGSAF - PROFSAÚDE – Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por guiar meus passos nos caminhos da vida e proteger minhas escolhas.

A meus amados familiares, em especial, minha mãe Elza e meu pai Rui, por sempre torcerem por mim e comemorarem comigo a cada vitória!

Ao meu esposo, Carlos Eduardo, por sempre incentivar e apoiar meu crescimento pessoal e profissional.

À minha filha, Marina, minha companheirinha, por entender minhas ausências durante os momentos de estudo e por ser minha razão de buscar sempre ser uma pessoa melhor.

A todos as professoras e professores do PROFSAUDE, que contribuíram tanto com suas experiências e saberes para meu crescimento no Mestrado.

Ao querido professor Emerson Raser, meu orientador, que, com sua gentileza, sabedoria e seus amplos conhecimentos, respeitou minhas limitações e tornou mais leve a trajetória da construção deste Trabalho de Conclusão do Mestrado.

Às colegas da Terceira Turma do Mestrado, que compartilharam comigo a árdua experiência de cursar um Mestrado em meio a uma pandemia que desestabilizou o mundo. Fomos apoio umas para as outras!

Aos professores, professoras e estudantes participantes da pesquisa que disponibilizaram seu precioso tempo para compartilharem suas experiências e se tornarem a essência de tudo que foi escrito.

Aos componentes das bancas de qualificação e defesa do Mestrado, por suas importantes contribuições na construção deste trabalho.

RESUMO

As pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) tem características de identidades e orientações sexuais únicas; isso deve ser abordado e incorporado aos cuidados de saúde prestados. Estudos internacionais mostram que estudantes de Odontologia apresentam uma considerável falta de conhecimento ou reconhecimento das pessoas LGBT resultantes do pouco interesse de diretores de instituições de ensino em incluir os conteúdos em seus currículos e das menores quantidades de horas curriculares e extracurriculares em educação LGBT, com abordagens nulas ou insignificantes desses conteúdos comparando com estudantes de outros cursos da área da saúde. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Odontologia no Brasil, publicadas em 2021, trouxeram mudanças positivas relacionadas à temática, orientando a inclusão de conteúdos teóricos e práticos com referência à equidade de gênero e de orientação sexual. A pesquisa em educação odontológica voltada para a população LGBT tem sido rara até agora. Assim, esse trabalho buscou analisar como alunos e docentes do curso de Odontologia de uma Instituição de Ensino Superior compreendem a abordagem de questões LGBT durante o curso. Essa dissertação é composta de dois capítulos. O primeiro descreve o processo de construção da pesquisa, a contextualização da literatura, os objetivos, e metodologias qualitativas utilizadas. O segundo capítulo apresenta os resultados do estudo empírico, e as categorias temáticas produzidas pela análise de conteúdo realizada. O estudo revelou que a temática LGBT não está efetivamente inserida no currículo do curso de Odontologia, ocorrendo apenas de forma pontual. Os participantes consideraram importante estimular essa inserção e apresentaram sugestões para melhorar e qualificar a formação dos futuros profissionais da Odontologia.

Palavras-chave: Odontologia. LGBT. Estudantes de Odontologia. Faculdade de Odontologia. Minorias sexuais e de gênero.

ABSTRACT

Lesbian, gay, bisexual, transvestite and transgender (LGBT) people have unique sexual identities and orientations; this must be addressed and incorporated into the health care provided. International studies show that dentistry students have a considerable lack of knowledge or recognition of LGBT people resulting from the little interest of directors of educational institutions in including the contents in their curricula and the smaller amounts of curricular and extracurricular hours in LGBT education, with approaches null or insignificant of these contents compared to students from other courses in the health area. The National Curriculum Guidelines for Dentistry courses in Brazil, published in 2021, brought positive changes related to the theme, guiding the inclusion of theoretical and practical content with reference to gender equity and sexual orientation. Research in dental education aimed at the LGBT population has been rare until now. Thus, this work sought to analyze how students and professors of the Dentistry course at a Higher Education Institution understand the approach to LGBT issues during the course. This dissertation is composed of two chapters. The first describes the construction process of the research, the contextualization of the literature, the objectives, and the qualitative methodologies used. The second chapter presents the results of the empirical study, and the thematic categories produced by the content analysis carried out. The study revealed that the LGBT theme is not effectively included in the curriculum of the Dentistry course, occurring only occasionally. Participants considered it important to encourage this insertion and made suggestions to improve and qualify the training of future dentistry professionals.

Keywords: Dentistry. LGBT. Dental Students. School of Dentistry. Sexual and gender minorities.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
APS/AB	Atenção Primária à Saúde/Atenção Básica
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COVID-19	Doença do Coronavírus 2019
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ESF	Estratégia de Saúde da Família
EUA	Estados Unidos da América
HIV	Vírus da Imunodeficiência Adquirida
IES	Instituição de Ensino Superior
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
PROFSAUDE	Mestrado Profissional em Saúde da Família
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: AS QUESTÕES LGBT NO ENSINO DA ODONTOLOGIA - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	16
1.1 Introdução.....	16
1.2 Justificativa	18
1.3 Objetivos	20
1.3.1 Objetivo geral.....	20
1.3.2 Objetivos específicos	20
1.4 Algumas questões LGBT na Literatura	20
1.4.1 Definindo LGBT	21
1.4.2 Preconceitos contra LGBT & saúde.....	21
1.4.3 Pesquisas sobre saúde das minorias	22
1.4.4 LGBT nas Universidades	23
1.4.5 Currículos das profissões de saúde	24
1.4.6 Odontologia e LGBT.....	24
1.5 Metodologia	26
1.5.1 Desenho do estudo	26
1.5.2 Aspectos éticos.....	27
1.5.3 Participantes	27
1.5.4 Instrumentos de coleta de dados	28
1.5.5 Procedimentos	30
1.5.6 Critérios de inclusão.....	30
1.5.7 Critérios de exclusão	30
1.5.8 Riscos	30
1.5.9 Benefícios.....	31
1.5.10 Metodologia de análise de dados	31
1.6 Resultados	31
REFERÊNCIAS	34
CAPÍTULO II: ARTIGO	37
APÊNDICE A – ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM DOCENTES E ESTUDANTES	55

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COM ESTUDANTES LGBT	56
APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COM DOCENTES LGBT.....	57
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	58

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Fernanda Carneiro de Bastos Souto, sou graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Quando concluí o curso de Odontologia, em janeiro de 1997, imaginei que retornaria à minha cidade natal, Bocaiúva, no norte de Minas Gerais, e continuaria por lá para todo o sempre. De fato, fiquei por lá durante 9 anos, exercendo a minha profissão na rede privada. Foram anos importantes, que me trouxeram segurança na profissão e convivência com minha família, de quem eu estava longe desde o ensino médio.

Mas, em 2006, me mudei para o Alto Paranaíba e passei a integrar uma Equipe de Saúde Bucal em uma Equipe de Saúde da Família. Foi um importante desafio para mim, que estava habituada ao ritmo de um consultório particular, migrar para o trabalho na Estratégia de Saúde da Família (ESF). A ESF requer profissionais que se adaptem às múltiplas demandas de sua população e que não fiquem restritos às quatro paredes de um consultório odontológico. Aprendi que precisava conhecer o território em sua pluralidade de necessidades, realizar consultas domiciliares, realizar atividades de promoção de saúde e não só ações curativas, trabalhar em equipe multidisciplinar e principalmente, conhecer a população para planejar minhas ações. Busquei aprimorar meus conhecimentos com a Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, na Universidade Federal de Minas Gerais. A especialização trouxe embasamento teórico para a organização da minha prática diária.

Em 2018, veio a docência em uma Instituição de Ensino Superior no curso de Odontologia e com ela, um novo desafio: era imprescindível cursar o Mestrado. Pois, precisava me capacitar para a docência do ensino superior. Assim, busquei por instituições onde pudesse cursar o Mestrado e descobri o PROFSAUDE, sendo uma das instituições participantes como polo, a UFU. Participei do processo seletivo e, ao ser aprovada, veio a necessidade de reorganizar minha vida para adaptação às multitarefas que eu teria a partir dali: trabalhar em uma Equipe de Saúde da Família, ser docente em um curso de Odontologia e trilhar os caminhos do Mestrado com qualidade. Cursar as disciplinas do Mestrado foi uma experiência maravilhosa, porém, extenuante e, de certa forma, solitária, já que, no início do curso, a pandemia de COVID-19, nos obrigou a percorrer todas as disciplinas e realizar os encontros que seriam presenciais de forma online. Além disso, no mesmo período, tive que enfrentar a pandemia em meus processos de trabalho nas Unidades de Saúde e no curso de Odontologia. Com o apoio, mesmo que à distância, das colegas e experiência de todos os professores e professoras, vencemos.

O Trabalho de Conclusão do Mestrado também significou um grande desafio para mim. Mas, Deus colocou um anjo em minha vida, o professor Dr. Emerson Fernando Rasera, meu orientador. No primeiro contato com o professor Emerson, fiquei insegura, pois, eu não tinha os mínimos conhecimentos sobre metodologia de abordagem qualitativa, sua especialidade e, apenas os mínimos conhecimentos, que posso dizer menos que o básico, sobre a temática proposta: a população LGBT. Mas, depois do susto inicial, pensei: “Vamos lá! Vai dar tudo certo!”

O trabalho com a temática LGBT despertou em mim o sentido da visão que estava escurecido. Assim como imagino que esteja na maioria da população heterossexual do mundo. Ou seja, ao longo de tantos anos de experiência profissional, realizei o atendimento odontológico técnico de gays, lésbicas e travestis, mas, sem prestar atenção na presença específica deles e delas no território. Nunca havia cuidado de um usuário transgênero e ninguém me contou ter orientação sexual bissexual. Mas, eu também nunca me interessei em perguntar. Descobri que essas pessoas existem, que elas apresentam necessidades únicas de atenção em saúde que devem ser incluídas no planejamento dos meus processos de trabalho. Vi que, assim como a maioria dos meus colegas professores que participaram do estudo, eu não tive nenhuma abordagem da temática LGBT em toda a minha formação acadêmica, mesmo sendo especialista em Atenção Básica em Saúde da Família, que deve preparar os profissionais para o cuidado a populações plurais, diversas. Assim, eu nunca havia desenvolvido nenhuma ação de cuidados voltada para essa população no trabalho tanto na ESF quanto na docência.

No período da coleta de dados, ouvi depoimentos emocionantes, emocionados, revoltantes, revoltados e muito enriquecedores também. Senti compaixão, raiva, orgulho, angústia, necessidade de abrir minha mente, meus olhos e das pessoas ao meu redor, de combater o preconceito, de mudar a legislação da educação, tudo isso ao mesmo tempo.

Veio a escrita do trabalho, que foi dividido em dois capítulos. O capítulo I apresentou o percurso de construção do estudo. A introdução e a justificativa contextualizaram a situação das questões LGBT no meio acadêmico e no curso de Odontologia. A seção nomeada “Algumas questões LGBT na Literatura” apresentou estudos encontrados na literatura que abordam os diferentes aspectos que compõem a temática. Ainda no capítulo I, foram descritos os objetivos e a metodologia adotada de forma detalhada. Os resultados do estudo foram mostrados resumidamente nesse capítulo, em forma de um quadro que apresentou as três categorias temáticas que emergiram a partir das análises das conversas dos grupos focais e entrevistas com os participantes com suas subcategorias e temas.

O capítulo II apresentou o artigo escrito para defesa do título de Mestre em Saúde da

Família, a partir da análise da categoria temática 3, nomeada “A formação para as questões LGBT” com suas quatro subcategorias constituídas por temas com sentidos semelhantes, seguindo a normativa do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família.

Espero que esse trabalho estimule mudanças nos currículos dos cursos da área de saúde, especialmente no curso de Odontologia. Isso resultaria na formação de profissionais preparados para oferecer o cuidado acolhedor e humanizado que a população LGBT merece receber. Espero, ainda, que a legislação relacionada às questões LGBT evolua a cada dia para derrubar barreiras burocráticas históricas que restringem e até mesmo impedem direitos essenciais dessa população.

CAPÍTULO I: AS QUESTÕES LGBT NO ENSINO DA ODONTOLOGIA - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

1.1 Introdução

As “questões LGBT” podem ser entendidas como parte das experiências e vivências que envolvem as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Representam os desafios enfrentados na busca por direitos legais, por reconhecimento e representatividade, por inclusão nos ambientes educacionais e serviços de saúde. As iniciativas dos representantes dos poderes para garantir direitos básicos e proporcionar um cuidado inclusivo, respeitoso e acolhedor dessas pessoas, com enfrentamento ao preconceito, à discriminação e à estigmatização também fazem parte dessas questões.

A população de usuários LGBT tem características de identidades e orientações sexuais únicas; isso deve ser abordado e incorporado aos cuidados de saúde prestados. A literatura mostra que a população LGBT é estigmatizada e mal interpretada por vários profissionais da saúde. Isso faz com que esses usuários, quando procuram atendimento em saúde, hesitem em relatar sua identidade sexual e permitam que o profissional presuma que eles sejam heterossexuais por medo de não terem um atendimento de qualidade. Da mesma forma, muitos profissionais também evitam investigar as identidades sexuais dos usuários. Esse processo transforma a população LGBT em “população invisível” (AGUILAR; FRIED, 2015).

A população LGBT enfrenta significativa marginalização, discriminação e dificuldade de acesso em serviços de saúde. Vários usuários sofrem negação de medicamentos essenciais, violência verbal e física durante os atendimentos, o que faz com que evitem buscar cuidados. Criar caminhos que diminuam os encontros negativos com a saúde permite melhores resultados de saúde para um número maior de usuários LGBT (NOWASKIE; PATEL; FANG, 2020).

Pesquisa realizada com 176 diretores de faculdades de medicina dos Estados Unidos da América (EUA) e uma pesquisa online com 4262 estudantes de medicina dos EUA e Canadá indicam que o acesso a cuidados inclusivos com qualidade para a população LGBT está aumentando, mas é preciso melhorar o treinamento dos profissionais de saúde para se alcançar resultados efetivos (OBEDIN-MALIVER *et al.*, 2011; WHITE *et al.*, 2015). Avaliações sobre treinamento e educação em saúde LGBT nas escolas de medicina e os resultados alcançados mostram que a maioria dos acadêmicos se sentiu mais preparada e mais à vontade para oferecer um atendimento de qualidade aos usuários LGBT (GREENE *et al.*, 2018). Ainda, segundo Greene *et al.* (2018, p. 3):

[...] uma pesquisa de uma escola de medicina urbana dos Estados Unidos descobriu que os estudantes que tiveram mais encontros clínicos com usuários LGBT eram significativamente mais propensos a obter históricos de saúde abrangentes, manter atitudes positivas em relação aos usuários LGBT e possuir conhecimento sobre a saúde LGBT do que os estudantes com pouca ou sem exposição clínica.

A oferta de cuidado de qualidade em saúde bucal aos usuários LGBT precisa de profissionais prontos para facilitar o acesso a cuidados, que usem linguagem inclusiva, como o nome preferido ou nome social, reconheçam as estruturas familiares dos indivíduos e obtenham informações adequadas sobre medicamentos utilizados por esses usuários como terapia hormonal de afirmação de gênero. Tudo isso resulta em decisões clínicas acertadas durante a conduta profissional (GREENE *et al.*, 2018).

As pesquisas sobre questões LGBT nos cursos de Odontologia são poucas, sendo que algumas foram realizadas com o subgrupo de pessoas LGBT com diagnóstico do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), focalizando questões psicossociais do cuidado a esses usuários (HILLENBURG *et al.*, 2016). A associação do conteúdo LGBT ao HIV/AIDS e às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) mantém um ciclo destrutivo de estigmatização das pessoas LGBT. É importante incluir esse assunto no currículo formal dos cursos de Odontologia para garantir o atendimento a usuários não heterossexuais de forma profissional e inclusiva. Além disso, o clima da escola deve ser inclusivo não só para os usuários, mas também para os estudantes, funcionários e professores LGBT (ANDERSON *et al.*, 2009; HILLENBURG *et al.*, 2016).

Estudo que avaliou o comportamento dos administradores de escolas de Odontologia dos Estados Unidos em relação à necessidade de serviços de apoio para estudantes identificados como LGBT mostrou que três quartos dos diretores que responderam expressaram que não há necessidade de fornecer suporte acadêmico especializado para estudantes LGBT. É possível que os diretores tenham entendido que o apoio acadêmico especializado não é uma das necessidades cruciais dos estudantes LGBT ou que suas necessidades mais imediatas sejam conscientização, compreensão, apoio e incentivo e uma infraestrutura legal que proteja seus direitos (BEHAR-HORESTEIN; MORRIS, 2015). Esses resultados podem ser reflexos das estruturas de poder acadêmico que caracterizam o ensino superior. Cada administração tem uma hierarquia ou estrutura inerente que é mantida por formas de liderança que tendem a ser compatíveis com a cultura normativa da instituição. Esta pesquisa revela o ambiente que pode contribuir para a “invisibilidade” dos estudantes LGBT de Odontologia. Os indivíduos com comportamentos diferentes das normas da cultura podem se ver marginalizados até certo ponto, principalmente se saírem dos limites impostos pelo grupo dominante. Romper com essa norma

pode levar a medo, ansiedade e desconforto para aqueles que não conseguem entender, aceitar ou tolerar tais diferenças. Outro complicador é que os estudantes LGBT tendem a não ser contabilizados nos ambientes de ensino superior porque seus números não são registrados nos dados demográficos (BEHAR-HORESTEIN; MORRIS, 2015).

Em outra pesquisa, realizada em três escolas de Odontologia dos Estados Unidos e do Canadá, foi revelada uma considerável falta de conhecimento ou reconhecimento das pessoas LGBT pelos estudantes de Odontologia. A implantação de um ambiente de aprendizagem informativo sobre as populações LGBT promove um contexto positivo para a oferta de capacitação sobre essas questões. Quando os estudantes não recebem treinamento apropriado em questões que envolvem pessoas LGBT, os preconceitos podem se manifestar nas interações com usuários, colegas de classe, professores ou funcionários. Esses preconceitos também resultam em interações interpessoais negativas. Além disso, estimular uma ética de cuidar de usuários de todas as orientações sexuais deve ser efetivamente integrado ao ambiente de aprendizagem acadêmica, em vez de se limitar a uma única aula. Os resultados mostraram informações, recursos e apoio LGBT insuficientes nessas instituições. Os estudantes informaram haver baixa acessibilidade a informações, recursos, serviços e suporte relacionados à população LGBT, também baixos níveis de concordância sobre como o ambiente de aprendizagem atende às necessidades dos estudantes LGBT e ajuda todos os estudantes a se prepararem para oferecer serviços a pessoas LGBT no futuro (FENG *et al.*, 2017).

As instituições de ensino, os tutores, preceptores e professores têm importante papel na formação de pessoas e profissionais da saúde que sejam conscientes das diversidades e que proporcionem equidade para todo o sistema de saúde (VAROTTO *et al.*, 2022).

Assim, respondendo às necessidades identificadas na literatura e buscando dar subsídios para o cumprimento da legislação e política pública brasileira, o presente trabalho buscou analisar como estudantes e docentes do curso de Odontologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) compreendem a abordagem de questões LGBT durante o curso.

1.2 Justificativa

As pessoas LGBT formam um grupo diversificado, mas têm uma necessidade comum de saúde competente e cuidado acessível prestado sem intolerância e com entendimento das particularidades de suas necessidades de saúde (RUSSEL; MORE, 2016). Reconhecer a diversidade, compreender as questões de gênero e utilizar abordagens éticas aos cuidados de saúde são essenciais para a educação de competências culturais (AGUILAR; FRIED, 2015).

Falta de preparação no tratamento de usuários LGBT foi relatada por 82% dos estudantes de Odontologia que participaram do estudo na Universidade do Texas em Houston Dental Branch. Os pesquisadores descobriram que o currículo não habilitava os estudantes para trabalhar com usuários de várias orientações sexuais e que os estudantes relataram receber tratamento desigual ou sofrer assédio sexual por professores, funcionários, estudantes ou usuários. Os autores sugeriram a revisão do currículo do curso de Odontologia para verificar se tópicos como diversidade, competência cultural e assédio sexual foram incluídos (BEHAR-HORESTEIN; MORRIS, 2015).

Para educar e treinar futuros provedores de assistência odontológica, as escolas de Odontologia devem considerar a competência cultural no estabelecimento de ambientes de aprendizagem. Um ambiente abrangente e culturalmente competente deve ser visível em todas as administrações das escolas de Odontologia, bem como para orientação, informações acessíveis e recursos (FENG *et al.*, 2017).

No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de graduação em Odontologia, instituídas em 2002 pelo Conselho Nacional de Educação, e válidas até 30 de junho de 2021, não faziam menção na estrutura dos cursos e nos conteúdos curriculares sobre abordagem de políticas de direitos humanos, de equidade, de gênero e orientação sexual para preparar os graduandos brasileiros em Odontologia para oferecer cuidados com ética, acolhimento e integralidade aos usuários LGBT (BRASIL, 2002).

Com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Odontologia, publicadas na Resolução nº 3, de 21 de junho de 2021, do Conselho Nacional de Educação (CNE), entrando em vigor em 1º de julho de 2021, houve mudanças importantes relacionadas à diversidade de gênero e orientação sexual. Na seção relativa à atenção à saúde, no Artigo 5º, diz que a graduação em Odontologia visa à formação do cirurgião-dentista que atue, considerando a ética e as dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, e cultural, que singularizam as pessoas ou grupos sociais (BRASIL, 2021). E, na seção que trata dos conteúdos curriculares, é orientada a inclusão de conteúdos teóricos e práticos com referência nas políticas de educação e sustentabilidade ambiental, educação em direitos humanos, acessibilidade para as pessoas com mobilidade reduzida, e daquelas que tratam da equidade de gênero, de orientação sexual, de pessoas com deficiência e de educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2021).

Em 2011, foi publicada pelo Ministério da Saúde, a Portaria nº 2.836, que implantou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) (BRASIL, 2011). A marca da Política LGBT é reconhecer os efeitos da discriminação

e exclusão da população LGBT no processo saúde-doença, com objetivo e diretrizes voltados para mudanças na determinação social da saúde, para reduzir as desigualdades relacionadas à saúde LGBT. O fundamento para a humanização na promoção, proteção, atenção e cuidado à saúde é o respeito sem preconceito (BRASIL, 2011).

A população LGBT tem se encorajado nos últimos anos em busca da afirmação de “seu lugar no mundo”. Está buscando derrubar as barreiras históricas de opressão e preconceito. Assim, tornou-se necessário conhecer o que a comunidade acadêmica tem oferecido aos futuros profissionais da Odontologia para prepará-los e capacitá-los para prestar um cuidado integral e humanizado à população LGBT, respeitando suas particularidades. A relevância do tema para a Atenção Primária à Saúde/Atenção Básica (APS/AB) é que os profissionais da Odontologia que receberem uma formação inclusiva, sensível e capacitada a reconhecer essas particularidades da população LGBT, estarão aptos a compor equipes de Saúde da Família, que são a estratégia prioritária da APS, e cumprir com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e da APS. Além disso, no Brasil, foi encontrado apenas um estudo de revisão de literatura sobre a temática LGBT na Odontologia.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Compreender a inserção das questões LGBT no ensino da Odontologia.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Analisar o ponto de vista dos estudantes sobre as questões LGBT no ensino da Odontologia;
- b) Analisar as questões LGBT no ensino da Odontologia sob o ponto de vista dos professores do curso.

1.4 Algumas questões LGBT na Literatura

Esta seção foi escrita com o intuito de apresentar os conteúdos que abordam a temática LGBT encontrados na literatura consultada. Foi realizada a divisão em tópicos que apresentaram, de forma breve e panorâmica, algumas das questões LGBT que contextualizam

e configuram o objeto da pesquisa.

1.4.1 Definindo LGBT

Segundo Ploumen e Livas (2020, p. 1), “LGBT é um inicialismo que deriva de lésbica, gay, bissexual e transgênero que foi adotado como um termo guarda-chuva para rotular tópicos relativos à sexualidade e identidade de gênero”. Nesse sentido, a orientação sexual é um termo complexo, que inclui vários domínios: atração sexual, comportamento sexual, identidade pessoal, relacionamentos românticos e participação na comunidade (SCHWARTZ *et al.*, 2018). Já a identidade de gênero é como uma pessoa se identifica – como homem ou mulher, ou outro gênero, podendo ser transgênero, bigênero, ou gênero *queer*. Está ligada ao termo expressão de gênero, que demonstra como uma pessoa se reconhece e reivindica reconhecimento pelo mundo não só na aparência física, mas na personalidade e no comportamento (RUSSEL; MORE, 2016).

As pessoas LGBT são um grupo baseado em sua orientação sexual – lésbicas (mulheres que se sentem atraídas por mulheres), *gays* (homens que são atraídos por homens), bissexuais (aqueles homens e mulheres que são atraídos por homens e mulheres) e assexuais (aqueles que geralmente não sentem atração sexual) – e por sua identidade de gênero – transgênero (uma pessoa que cruza categorias de gênero culturalmente definidas) e intersexo (pessoas cujas genitálias externas colocam em suspenso as definições do sexo biológico). Pode-se adicionar a letra Q a LGBT, significando *queer* ou questionador, e também as letras I e A para intersexo e assexual, respectivamente. Os membros deste grupo também são denominados como minorias sexuais. O termo *queer* pode ser usado por qualquer pessoa que opte por se identificar como tal, que explora sua própria identidade ou expressão de gênero e/ou orientação sexual. *Queer* refere-se a ter identidade e/ou expressão de gênero que está fora da norma social e/ou está além do gênero (RUSSEL; MORE, 2016).

1.4.2 Preconceitos contra LGBT & saúde

Além de outros fardos sociais, as pessoas LGBT podem enfrentar tratamentos preconceituosos em serviços de saúde por causa de suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero. Por isso, os indivíduos LGBT podem evitar procurar os serviços preventivos de saúde e enfrentar um risco maior de resultados ruins de saúde. A resistência das pessoas LGBT em revelar sua orientação sexual para os profissionais de saúde prejudica a relação usuário-

profissional. A ocultação da identidade influencia significativamente o bem-estar físico e mental. A comunicação se torna pior por causa da hesitação dos profissionais de saúde que não têm sensibilidade em perguntar sobre a orientação sexual dos usuários (PLOUMEN; LIVAS, 2020).

Atitudes negativas dos profissionais de saúde com usuários com condições estigmatizadas se tornam uma barreira para a utilização ideal dos serviços de saúde pela população LGBT. Em vários estudos, profissionais de saúde relataram que enfrentam barreiras ao tentar fornecer cuidado culturalmente competente a usuários LGBT. Alguns profissionais de saúde, que realizam atendimento de um número significativo de usuários LGBT, temem a discriminação por parte de usuários homofóbicos ou colegas de trabalho. Os profissionais de saúde também consideram difícil cuidar de forma culturalmente competente quando os colegas de trabalho não têm educação sobre a saúde LGBT. As atitudes dos profissionais podem ser influenciadas pela opinião pública. Dados de uma amostra aleatória de cidadãos dos EUA mostraram que 30% mudariam de profissional se soubessem que esse era LGBT; e 35% relataram que mudariam para uma clínica diferente se soubessem que a mesma empregava profissionais de saúde LGBT (AGUILAR; FRIED, 2015).

No Brasil, pesquisa junto a médicas(os) de família e comunidade mostra que os profissionais usam um “discurso da não diferença”, afirmando que não há diferenças entre a população LGBT e as demais populações atendidas, como uma estratégia para afastar a mensagem do preconceito com argumento de uma suposta igualdade. Porém, esse discurso pode operar como a negação do outro, como contradição não percebida, que cumpre a função de apagar o próprio sujeito (PAULINO; RASERA; TEIXEIRA, 2019).

Estimular mudanças interpessoais, estruturais e sistêmicas relevantes em toda a equipe de saúde pode criar um ambiente em que os usuários LGBT se sintam menos estigmatizados e recebam cuidados de saúde culturalmente mais competentes. Aprimorar os protocolos e os encaminhamentos, mantendo a confidencialidade do usuário pode desviar as barreiras sistêmicas. Permitir a continuidade dos cuidados é desejável para qualquer pessoa que utilize os serviços de saúde, mas é particularmente importante para indivíduos LGBT, porque a continuidade do cuidado limita o número de vezes que uma pessoa precisa revelar sua orientação sexual e promove a criação de uma relação de confiança entre o usuário e o profissional de saúde (AGUILAR; FRIED, 2015).

1.4.3 Pesquisas sobre saúde das minorias

A pesquisa permite o aumento da compreensão das minorias sexuais, suas semelhanças e diferenças com a maioria heterossexual. A negligência generalizada de indivíduos LGBT em pesquisa de saúde pública gera consequências devastadoras para a saúde desta comunidade. O baixo número de pesquisas sobre minorias sexuais pode contribuir para o fracasso dos profissionais e programas de saúde pública em atender às necessidades da população LGBT (AGUILAR; FRIED, 2015).

Uma lacuna crítica na literatura é verificar se os programas de treinamento incorporados à educação médica possibilitam aos estudantes se tornarem mais conscientes dos potenciais preconceitos implícitos com usuários LGBT e desenvolver habilidades eficazes para redução de preconceitos na faculdade de medicina, residência e além. Uma pesquisa com profissionais de saúde mostrou que mais da metade relatou desconforto ao cuidar de usuários LGBT e a maioria dos provedores acredita que as questões relacionadas à saúde LGBT devem ser abordadas de forma mais completa nos currículos das escolas de medicina (MORRIS *et al.*, 2019).

Pesquisas nacionais nos EUA, com diretores de escolas de medicina indicam que apenas duas a cinco horas curriculares são utilizadas para abordar cuidados de saúde de usuários LGBT com pouca ou nenhuma ênfase em estratégias de redução de viés (MORRIS *et al.*, 2019).

1.4.4 LGBT nas Universidades

Estudantes LGBT não confiam no ambiente escolar por não se sentirem compreendidos pelos administradores de assuntos estudantis. A busca pela identidade sexual, ao mesmo tempo em que acontece o ajuste à vida universitária, adiciona um desafio especial para estudantes *gays*, *lésbicas* e *bissexuais*. A homossexualidade precisa ser reconhecida como apenas um aspecto da identidade do estudante. Quando ocorre essa associação da busca pela identidade sexual com as mudanças tipicamente associadas à vida estudantil, muitos estudantes LGBT passam por uma transição única e difícil no ensino superior. Infelizmente, quando esses estudantes são reconhecidos nos campi por sua orientação LGBT, eles geralmente convivem e temem o assédio verbal e/ou a violência física de outros que não fazem parte da comunidade *gay* (MORE; WHITEHEAD; GONTHIER, 2004).

Uma pesquisa concluiu que os membros do corpo docente eram mais homofóbicos do que os membros do serviço estudantil e que os homens entrevistados eram mais homofóbicos do que as mulheres. A maioria dos estudantes considera seus professores como modelos positivos (HOGAN; HENTZ, 1996 *apud* MORE; WHITEHEAD; GONTHIER, 2004). Ocorrer

homofobia entre os membros do corpo docente é prejudicial para os estudantes LGBT. Pesquisadores recomendam que os professores superem sua homofobia, sua dificuldade de interagir com estudantes LGBT ou de falar sobre questões LGBT com base em pesquisas e entrevistas que realizaram com estudantes *gays* e lésbicas (MORE; WHITEHEAD; GONTHIER, 2004).

1.4.5 Currículos das profissões de saúde

Programas acadêmicos podem fornecer muitas oportunidades para o envolvimento do estudante em projetos de conscientização cultural, eventos comunitários, participar de sessões de pôsteres e realizar atividades em centros onde a população LGBT é um segmento da população-alvo. Os cursos de ética e competência cultural dão oportunidades para incorporar conteúdo relacionado a minorias sexuais, preconceito de gênero, discriminação, justiça e a importância do cuidado culturalmente competente (AGUILAR; FRIED, 2015).

Na última década, houve esforços para incluir a abordagem LGBT nos currículos de estudantes de profissões de saúde, permitindo a exposição intergrupo e educação sobre a população LGBT. Esses métodos permitem o aumento do conhecimento das questões de saúde e conforto e a diminuição do preconceito em relação às pessoas LGBT. Porém, ainda existem vieses implícitos e explícitos significativos e vários níveis de preparação entre os estudantes de profissões de saúde. Essa lacuna na competência cultural LGBT é resultado da natureza nova e não obrigatória das iniciativas educacionais LGBT atuais, assim como da variabilidade desses métodos em relação à exposição do usuário, horas curriculares e conteúdo curricular. Mesmo que alguns estudos tenham caracterizado a competência cultural LGBT dos estudantes, eles foram limitados a disciplinas individuais e níveis específicos de treinamento (NOWASKIE; PATEL; FANG, 2020).

Mudar a cultura institucional para a inclusão do conteúdo de saúde LGBT exige que os estudantes sejam frequentemente expostos ao conteúdo e que as escolas aumentem as oportunidades de encontros clínicos com usuários LGBT. Isso necessita do envolvimento e o comprometimento de professores e administradores de escolas e a integração permanente de temas relacionados à população LGBT na formação profissional de saúde (MORRIS *et al.*, 2019).

1.4.6 Odontologia e LGBT

Quando se fala da comunidade LGBT, há vários termos importantes que os dentistas devem conhecer. Os profissionais devem perceber que, embora a sigla LGBT possa ser útil como um termo abrangente, cada uma dessas letras representa uma população específica e com seus próprios problemas de saúde. É importante ressaltar que os profissionais de saúde devem reconhecer que este grupo é extremamente diverso, compreendendo tanto aqueles que se identificam ou se apresentam como gêneros diferentes do sexo atribuído a eles no nascimento (aqueles com identidades de gênero e expressões de gênero variáveis) e aqueles cuja orientação sexual não é apenas heterossexual (RUSSEL; MORE, 2016).

More, Whitehead e Gonthier (2004) publicaram o primeiro artigo na literatura odontológica que abordou questões LGBT com os objetivos de explorar questões relacionadas às necessidades de estudantes *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros, avaliar a situação relacionada às políticas de não discriminação e criar recomendações para estratégias de apoio aos estudantes LGBT em escolas de Odontologia dos Estados Unidos. A partir de então, os poucos artigos nessa área reforçam a observação de que os programas de diversidade em escolas de Odontologia não incluem pessoas LGBT e que os estudantes não estão preparados para atender às necessidades dos usuários LGBT. Assim, a Odontologia fica atrás da Medicina e da Enfermagem em relação ao reconhecimento dessa área e ainda não trabalhou para coletar dados, não possui um perfil de pessoas LGBT no que diz respeito à prática clínica ou educação odontológica e não oferece diretrizes para currículos odontológicos nas instituições de ensino dos Estados Unidos (RUSSEL; MORE, 2016).

Assim, a formação adequada de estudantes e profissionais de saúde em questões de saúde específicas LGBT são recomendadas para otimizar os serviços de saúde para indivíduos LGBT. A pesquisa em educação odontológica voltada à população LGBT tem sido rara até agora. Apenas algumas escolas de Odontologia e escolas técnicas em saúde bucal nos EUA desenvolveram tópicos relacionados às necessidades abrangentes de usuários LGBT. De acordo com a recente Pesquisa da American Dental Association (*apud* PLOUMEN; LIVAS, 2020), mais de 13% dos estudantes de Odontologia do último ano se disseram despreparados para oferecer cuidados de saúde bucal a grupos LGBT depois da formatura. Informações, recursos e apoio institucional LGBT foram considerados insuficientes pelos diretores e estudantes de escolas de Odontologia nos Estados Unidos e Canadá (PLOUMEN; LIVAS, 2020).

A formação em Odontologia deve preparar os futuros profissionais de saúde bucal para tratar usuários LGBT de forma profissional. Não há padrões de melhores práticas para a comunidade LGBT, as políticas variam e o treinamento sobre questões de saúde LGBT não é adequado. Programas de capacitação de profissionais de saúde que não abordam a comunidade

LGBT aumentam sua estigmatização. Além de considerar até que ponto as questões LGBT são abordadas no currículo formal da escola de Odontologia, o clima acadêmico precisa ser inclusivo e evitar que estudantes, funcionários, docentes e usuários LGBT sejam sujeitos à discriminação. Quando os estudantes de profissões de saúde bucal têm um currículo mais inclusivo, eles se tornam mais amigáveis ao usuário e aceitam indivíduos com orientações sexuais diversas (AGUILAR; FRIED, 2015).

É muito importante que os profissionais de saúde, como os dentistas, sejam sensíveis e bem informados sobre questões de orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero, pois, julgar o sexo de alguém usando sua aparência pode ser enganoso, ofensivo para a pessoa ou até mesmo perigoso para um profissional de saúde (RUSSEL; MORE, 2016).

Para haver a prestação efetiva e igualitária dos serviços de saúde bucal a todas as pessoas, independentemente da identidade de gênero e orientação sexual, deve-se promover a competência cultural e a conscientização na graduação em Odontologia. Especialmente em países ricos em diversidade e herança cultural, o treinamento em diversidade cultural nas escolas de Odontologia deve abordar a variedade de dados demográficos dos estudantes, incluindo orientação sexual. Assim, a pesquisa sobre a competência cultural LGBT de estudantes de Odontologia é muito útil na prevenção de atitudes negativas e estereótipos sobre provedores e usuários LGBT em ambientes de prática odontológica (PLOUMEN; LIVAS, 2020).

Garantir que o ambiente educacional atenda às necessidades dos estudantes LGBT é uma meta importante para oferecer os cuidados de saúde bucal adequados para usuários LGBT, uma vez que o desconforto com os estudantes LGBT pode se traduzir em mal-estar com os usuários LGBT (BEHAR-HORESTEIN; MORRIS, 2015).

A busca por atualização de profissionais já formados, a inclusão de atividades específicas nos currículos dos cursos de Odontologia e a conscientização dos coordenadores e diretores das instituições de ensino sobre a importância de preparar futuros profissionais para o cuidado de pacientes LGBT pode resultar em mudanças de postura e comportamento dos profissionais de saúde bucal frente a essa população (VAROTTO *et al.*, 2022).

1.5 Metodologia

1.5.1 Desenho do estudo

Tratou-se de uma pesquisa descritiva e exploratória de abordagem qualitativa, realizada

em uma faculdade privada de Odontologia de Minas Gerais. Foram levantadas informações referentes à avaliação de estudantes e docentes do Curso de Odontologia sobre a abordagem das questões LGBT no currículo do curso.

1.5.2 Aspectos éticos

O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) conforme as Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510 de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012, 2016) e aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 39214520.9.0000.5152.

1.5.3 Participantes

Foram convidados a participar do estudo estudantes e professores do curso de Odontologia da faculdade de Odontologia de Minas Gerais. O convite foi feito por *e-mail* para cada participante. O curso possuía 4 turmas cursando a partir do quinto período, quando os estudantes iniciam os atendimentos clínicos e têm maiores oportunidades de contato com os usuários. Foi realizada uma reunião virtual com um grupo focal por turma, sendo que foram sorteados 10 estudantes de cada turma, os quais foram convidados individualmente, por *e-mail*, pela entrevistadora para a participação no grupo. Os sorteios foram realizados com utilização de sorteadores automáticos disponíveis de forma gratuita na internet. De posse da lista de chamada das turmas, a entrevistadora consultava o nome correspondente ao número sorteado e o convite era enviado. Quando os estudantes sorteados respondiam ao *e-mail* convite recusando a participação, era possível realizar novo sorteio e convidar novos estudantes a participarem. E, sendo 14 professores do curso com graduação em Odontologia e com mais de um ano de docência no curso, foram realizadas duas reuniões de grupos focais com professores. Assim, totalizou-se 6 reuniões com grupos focais.

Os grupos focais com os estudantes e os docentes aconteceram no período entre junho e novembro de 2021. Do total de 45 estudantes convidados, houve a participação de 24 estudantes nos quatro grupos focais realizados. A faixa etária dos estudantes participantes variou entre 21 e 36 anos, sendo que, foram 15 (62,5%) do gênero feminino e 9 (37,5%) do gênero masculino; 21 deles declararam ter orientação heterossexual (87,5%), dois serem homens gays (8,33%) e um (4,17%) ser homem bissexual.

Para os dois grupos focais planejados para a participação dos professores, foram

convidados todos os 14 que se enquadravam nos critérios de inclusão. No *e-mail* convite, foi oferecida a opção de escolherem o horário que fosse melhor para a participação desses professores convidados. Dos 14 professores convidados, cinco participaram do primeiro grupo focal e quatro participaram do segundo, sendo quatro (44,4%) do gênero feminino e cinco (55,56%) do gênero masculino; com 3 (33,3%) homens que se identificam como *gays* e os demais participantes (66,7%) como tendo orientação heterossexual.

Entre os professores, quatro foram convidados para a realização da segunda etapa do trabalho, que ocorreu através de entrevistas individuais para aprofundamento das questões da pesquisa. Os docentes que se auto identificaram como LGBT, tiveram prioridade à participação nas entrevistas individuais. Além disso, foram recrutados pela técnica de bola de neve, 8 estudantes LGBTs para participarem de entrevistas individuais virtuais. Totalizando a realização de 12 entrevistas individuais, que aconteceram entre dezembro de 2021 a junho de 2022. Entre os participantes das entrevistas individuais, estavam três professores homens *gays* e uma professora lésbica; três estudantes homens *gays*, uma estudante lésbica, quatro estudantes, sendo um do gênero masculino e três do gênero feminino, com orientação bissexual.

A amostragem por “bola de neve” forma uma amostra não probabilística, que usa cadeias de referência. A partir desse tipo específico de amostragem não se pode determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas facilitar o estudo de determinados grupos difíceis de serem acessados ou estudados, quando a pergunta de pesquisa for relacionada a questões sensíveis. Para construir a amostra, inicialmente são consultados documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, com a finalidade de buscar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa dentro da população geral. Depois, pede-se às pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. O quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, se for do interesse do pesquisador (VINUTO, 2014).

1.5.4 Instrumentos de coleta de dados

O estudo foi realizado em diferentes etapas haja vista que foi direcionado a estudantes e docentes do Curso de Odontologia. O estudo seria conduzido nas dependências da faculdade de Odontologia localizada no estado de Minas Gerais. Porém, devido à pandemia da Doença do Coronavírus-2019 (COVID-19), que exigiu medidas de distanciamento e isolamento social, foi conduzida de forma online. Foram realizadas sessões com grupos focais e entrevistas individuais com representantes dos dois grupos de participantes, utilizando a plataforma virtual

Google Meet, em horários combinados entre os participantes.

Os grupos focais são grupos de discussão que dialogam sobre um tema proposto quando recebem estímulos apropriados para o debate. É uma técnica com características próprias, que utiliza da interação grupal para realizar a coleta de dados. A organização do grupo focal deve permitir a participação e interação do grupo, de forma que todos fiquem dentro do campo de visão entre si e com o moderador, pois isso estimula o sentimento de fazer parte do grupo. Em uma vivência de aproximação, favorece trocas, descobertas e participações comprometidas. Permite descontração para que os participantes respondam às questões em grupo, em vez de individualmente. Essa técnica ajuda na elaboração de ideias novas e originais, permite a interpretação de crenças, valores, conceitos, conflitos, confrontos e pontos de vista (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004; RESSEL *et al.*, 2008). A coleta de dados utilizando um grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas ser baseada na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

As entrevistas semiestruturadas são organizadas com perguntas abertas e o informante pode discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas de forma semelhante a uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005). Esse tipo de entrevista permite o surgimento de informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a alternativas padronizadas. Um roteiro bem elaborado não obriga o entrevistador a tornar-se refém das perguntas formuladas antecipadamente à coleta, principalmente porque a entrevista semiestruturada possibilita fazer outras perguntas na tentativa de entender a informação que está sendo dada ou mesmo indagar sobre questões momentâneas à entrevista, que podem ter relevância para o que está sendo estudado. A entrevista pode ser planejada como um processo de interação social, verbal e não verbal, que acontece face a face, entre um pesquisador, com um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, tem a informação que permite estudar o fenômeno em pauta, havendo mediação, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 2004). As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005).

Os grupos focais e as entrevistas individuais ocorreram de forma virtual e foi facultado aos participantes manter ou não as câmeras ligadas conforme se sentissem mais confortáveis. Poucos participantes dos grupos focais mantiveram suas câmeras desligadas, alegando dificuldades com o sinal de internet, mas a interação não foi prejudicada, pois houve liberdade para expressão através da fala. O roteiro das atividades foi semiestruturado, com duração média

de uma hora para os grupos focais e 45 minutos para as entrevistas individuais, e composto por questões abertas pré-definidas que puderam ser expandidas pela entrevistadora, quando julgava necessário (Apêndice A, B e C).

1.5.5 Procedimentos

Os acadêmicos e docentes que aceitaram participar fizeram o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D), enviado em um Formulário Google anexado ao *e-mail* de convite para participação no trabalho. Os grupos focais e as entrevistas foram audiogravados, transcritos e analisados. Após a transcrição, as gravações foram apagadas.

1.5.6 Critérios de inclusão

- a) Serem estudantes do curso de Odontologia da faculdade escolhida e estarem cursando a partir do quinto período do curso;
- b) Ou serem docentes com graduação em Odontologia, atuando há mais de um ano no curso de Odontologia;
- c) Terem mais de 18 anos;
- d) Aceitarem participar da pesquisa;
- e) Preencherem e enviarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1.5.7 Critérios de exclusão

- a) Estudantes e docentes que não aceitaram, não participaram ou não preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- b) Estudantes que estivessem cursando os quatro primeiros períodos do curso;
- c) Docentes não graduados em Odontologia;
- d) Docentes que estivessem há menos de um ano no curso.

1.5.8 Riscos

Foi mantido o anonimato dos participantes utilizando letras e números para cada participante minimizando os riscos de identificação no trabalho. Para evitar que o participante

se sentisse indisposto e/ou desconfortável, a equipe executora se esforçou para promover um ambiente e um clima de respeito, além de deixar claro que o participante poderia desistir em qualquer momento. A equipe executora se comprometeu com o sigilo absoluto da identidade dos participantes.

1.5.9 Benefícios

Contribuir para a formação integral dos estudantes de Odontologia, inclusive nas questões relativas à melhoria do atendimento à população LGBT com base na formação adquirida no curso.

1.5.10 Metodologia de análise de dados

Para analisar os dados obtidos foi utilizada a Análise de Conteúdo. Fazer uma Análise Temática de Conteúdo é descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. A análise temática é bastante formal e mantém sua crença na significação da regularidade. A análise temática pode ser dividida em três etapas: Primeira etapa: pré-análise (leitura flutuante; constituição do corpus; formulação e reformulação de hipóteses e objetivos); Segunda etapa: exploração do material; Terceira etapa: tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 2014).

Assim, as conversas dos grupos focais e entrevistas foram transcritas na íntegra e o processo de análise e interpretação foi organizado e sistematizado. Após leitura cuidadosa para identificação de segmentos do texto relacionados entre si, foi possível realizar a codificação e a organização em categorias temáticas. A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto por recorte, agregação e enumeração, atingindo uma representação e descrição das características do conteúdo ou da sua expressão. As categorias temáticas são rubricas ou classes que agrupam as unidades de registro sob um título genérico em razão das características comuns destes elementos (BARDIN, 2016).

1.6 Resultados

A análise das conversas realizadas nos grupos focais e entrevistas semiestruturadas com estudantes e docentes do curso de Odontologia resultou em três categorias temáticas que estão

subdivididas em subcategorias constituídas por temas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Matriz de categorização dos grupos focais e entrevistas individuais

1 – A EXPERIÊNCIA LGBT NA SOCIEDADE 1a) Preconceito envolvendo a temática LGBT na sociedade O histórico de preconceito contra as chamadas minorias sociais; As limitações de comportamento impostas pela sociedade às pessoas LGBT; A visão das pessoas LGBT pelas famílias; O medo de se assumir para a família; Experiências de preconceito fora da faculdade; A influência da religião nas questões LGBT. 1b) Os disfarces do preconceito e seu combate A falta de percepção do preconceito; O preconceito velado; As consequências do preconceito; Responsabilidade dos profissionais de saúde no combate ao preconceito; A falta de ações políticas de combate ao preconceito; A influência das celebridades LGBT no combate ao preconceito. 1c) O respeito à população LGBT A visão do ser humano independente de sua orientação sexual; A influência do conhecimento na mudança de comportamento; A evolução no comportamento das pessoas a respeito da população LGBT; A importância do respeito às pessoas LGBT na sociedade; Experiência respeitosa fora da faculdade; As mudanças na legislação em benefício das pessoas LGBT. 2 – A VIVÊNCIA COM/DOS ESTUDANTES E DOCENTES LGBT NA ODONTOLOGIA 2a) A relação com os colegas LGBT O convívio com os colegas LGBT; A experiência de vida do ESTUDANTE LGBT. 2b) A relação docente-discente no meio acadêmico Postura dos docentes com os estudantes LGBT; Relação dos estudantes com os professores LGBT; A relação entre professores; Postura da Instituição em relação às pessoas LGBT. 2c) Preconceito no meio acadêmico Experiências de preconceito dentro da faculdade; Postura dos discentes diante do preconceito; O estigma de que a Odontologia é um curso de homens com orientação LGBT. 3 – A FORMAÇÃO PARA AS QUESTÕES LGBT 3a) A Inserção da temática LGBT na Odontologia A in/exclusão de conteúdos LGBT no curso de Odontologia; A importância da inclusão da temática LGBT no curso de Odontologia. 3b) Conhecimentos sobre a temática LGBT na Odontologia Conhecimentos dos estudantes sobre a temática LGBT; A importância da escola nos conhecimentos sobre orientação sexual; Os conhecimentos dos docentes sobre a temática LGBT; A abordagem da temática na formação dos docentes. 3c) A orientação sexual e o relacionamento entre estudantes, docentes e usuários na Odontologia A Relevância em conhecer a orientação sexual do usuário; O respeito à orientação sexual do usuário; O comportamento dos usuários LGBT por medo do preconceito; A relação entre estudantes e docentes LGBT e usuários.

3d) Novos horizontes para a formação

Sugestão para divulgação da temática LGBT pela IES; Sugestões de inserção das questões LGBT na Odontologia.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Conforme normativa do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (TEIXEIRA; GOMES, 2022), selecionou-se uma das categorias temáticas para redação do artigo a ser apresentado nessa dissertação para defesa do título de Mestre em Saúde da Família. Optou-se por detalhar a análise da categoria temática 3, à qual se nomeou “A formação para as questões LGBT” que foi subdividida em quatro subcategorias constituídas por temas com sentidos semelhantes. Espera-se que o artigo possa ser submetido à Revista Cadernos de Saúde Pública.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Elizabeth; FRIED, Jacquelyn. Enhancing dental and dental hygiene student awareness of the lesbian, gay, bisexual and transgender population. **Journal of Dental Hygiene**, v. 89, n. 1, p. 11-16, fev. 2015. PMID: 25690061.

ANDERSON, Joan I. *et al.* Lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) issues in dental school environments: dental student leaders' perceptions. **Journal of Dental Education**, v. 73, n. 1, p. 105-118, jan. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.2009.73.1.tb04643.x>. Acesso em: 4 out. 2020.

ASCHIDAMINI, Ione M.; SAUPE, Rosita. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 9-14, jun. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v9i1.1700>. Acesso em: 4 out. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 2016 p. ISBN 978-85-62938-04-7.

BEHAR-HORESTEIN, Linda S.; MORRIS, Dustin R. Dental school administrators' attitudes towards providing support services for LGBT-identified students. **Journal of Dental Hygiene**, v. 79, n. 8, p. 965-970, ago. 2015. PMID: 26246536. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.2015.79.8.tb05988.x>. Acesso em: 4 out. 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciência Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 4 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. **Diário Oficial da União**, 4 mar. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 21 de junho de 2021. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. **Diário Oficial da União**, 22 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 03 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2836, de 1 de dezembro de 2011**. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

FENG, Xiaoying *et al.* Dental students' knowledge of resources for LGBT persons: findings from three dental schools. **Journal of Dental Hygiene**, v. 81, n. 1, p. 22-28, jan. 2017. PMID: 28049674. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.2017.81.1.tb06243.x> Acesso em: 4 out. 2020.

GREENE, Madelyne Z. *et al.* Comparing medical, dental, and nursing students' preparedness to address lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer health. **PLOS ONE**, v. 13, n. 9, p. e0204104, 20 set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0204104>. Acesso em: 4 out. 2020.

HILLENBURG, Kenneth L. *et al.* LGBT Coverage in U.S. Dental Schools and Dental Hygiene Programs: Results of a National Survey. **Journal of Dental Hygiene**, v. 80, n. 12, p. 1440-1449, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.2016.80.12.tb06231.x> Acesso em: 4 out. 2020.

IERVOLINO, Solange A.; PELICIONI, Maria C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0080-62342001000200004>. Acesso em: 4 out. 2020.

MACDONALD, David W. *et al.* "I just want to be treated like a normal person": Oral health care experiences of transgender adolescents and young adults. **The Journal of American Dental Association**, v. 150, n. 9, p. 748-754, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adaj.2019.03.025> Acesso em: 4 out. 2020.

MANZINI, Eduardo. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: USC, 2004. CDROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p. ISBN 978-85-271-0181-3.

MORE, Frederick G.; WHITEHEAD, Albert W.; GONTHIER, Mark. Strategies for student services for lesbian, gay, bisexual, and transgender students in dental schools. **Journal of Dental Hygiene**, v. 68, n. 6, p. 623-632, jun. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.2004.68.6.tb03780.x> Acesso em: 4 out. 2020.

MORRIS, Matthew *et al.* Training to reduce LGBTQ-related bias among medical, nursing, and dental students and providers: a systematic review. **BMC Medical Education**, v. 19, n. 1, p. 325, 30 ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12909-019-1727-3> Acesso em 4 out. 2020.

NOWASKIE, Dustin Z.; PATEL, Anuj U.; FANG, Ryan C. A multicenter, multidisciplinary evaluation of 1701 healthcare professional students' LGBT cultural competency: Comparisons between dental, medical, occupational therapy, pharmacy, physical therapy, physician assistant, and social work students. **PLOS ONE**, v. 15, n. 8, p. e0237670, 13 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0237670>. Acesso em: 3 dez. 2022.

OBEDIN-MALIVER, Juno *et al.* Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender-Related Content

in Undergraduate Medical Education. **JAMA**, v. 306, n. 9, 7 set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.2011.1255>. Acesso em: 4 out. 2020.

PLOUMEN, Roan; LIVAS, Christos. Students' awareness of LGBT resources in Dutch dental schools. **Journal of Dental Education**, v. 84, n. 8, p. 881-886, ago. 2020. PMID: 32086818. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jdd.12112> Acesso em: 4 out. 2020.

PAULINO, Danilo B.; RASERA, Emerson F.; TEIXEIRA, Flavia B. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas(os) da Estratégia Saúde da Família. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.180279>. Acesso em: 11 dez. 2022.

RESSEL, Lúcia Beatriz *et al.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 779-786, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-07072008000400021>. Acesso em: 4 out. 2020.

RUSSEL, Stefanie; MORE, Frederick. Addressing health disparities via coordination of care and interprofessional education: lesbian, gay, bisexual, and transgender health and oral health care. **Dental Clinics of North America**, v. 60, n. 4, p. 891-906, out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cden.2016.05.006> Acesso em 4. Out. 2020.

SCHWARTZ, Scott B. *et al.* Sexual orientation-related oral health disparities in the United States. **Journal of Public Health Dentistry**, v. 79, n. 1, p. 18-24, dez. 2019. Epub 2018 Oct 2. PMID: 30277565. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jphd.12290>. Acesso em: 4 out. 2020.

TEIXEIRA, Carla P.; GOMES, Marta Q. **Mestrado Profissional em Saúde da Família. Turma Multiprofissional**: manual do(a) mestrando(a). 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Fiocruz; Recife: UFPE; Porto Alegre: UFCSPA, 2022. Disponível em: https://profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/manual_mestrando_2022_-_v2.pdf. Acesso em: 3 dez. 2022.

VAROTTO, Bruna Luiza R. *et al.* População LGBTQIA+. **Revista da ABENO**, v. 22, n. 2, p. 1542, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.30979/revabeno.v22i2.1542>. Acesso em: 11 dez. 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 3 dez. 2022.

WHITE, William. *et al.* Lesbian, gay, bisexual, and transgender patient care: medical students' preparedness and comfort. **Teaching and Learning in Medicine**, v. 27, n. 3, p. 254-263, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10401334.2015.1044656>. Acesso em: 4 out. 2020.

CAPÍTULO II: ARTIGO

A formação para as questões LGBT em Odontologia

Training for LGBT issues in dentistry

Formación para temas LGBT em Odontología

Resumo

Estudos mostram que estudantes de Odontologia apresentam considerável falta de conhecimento ou reconhecimento das pessoas LGBT resultantes da ausência de conteúdos específicos nos currículos. As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2021, para os cursos de Odontologia no Brasil, orientam incluir conteúdos teóricos e práticos referentes à equidade de gênero e orientação sexual. O objetivo desse estudo foi compreender a inserção das questões LGBT no ensino da Odontologia de uma faculdade privada de Minas Gerais, pelo ponto de vista dos estudantes e professores. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, com grupos focais e entrevistas semiestruturadas com 42 estudantes e professores. Foi utilizada a Análise Temática de Conteúdo. A categoria temática “A formação para as questões LGBT” composta por quatro subcategorias mostrou os resultados: i) os participantes sentiram a ausência da abordagem de conteúdos LGBT no curso; ii) houve receios sobre os modos de inserção da temática; iii) estudantes e docentes possuíam conhecimentos limitados e pouca formação sobre a temática LGBT; iv) é importante respeitar a orientação sexual dos usuários, apesar dos participantes não considerarem necessário conhecê-la, nem discutirem a importância de conhecer a orientação sexual dos docentes e estudantes; v) houve discussões sobre a forma de inclusão da temática LGBT, com abordagens transversais ou disciplinas específicas para cuidado do usuário, não abordando serviços para acolhimento de estudantes e funcionários LGBT. Assim, são necessários vários esforços pedagógicos e institucionais para seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais e ampliar a formação para as questões LGBT em Odontologia.

Palavras-chave: Odontologia; LGBT; Estudantes de Odontologia; Faculdade de Odontologia; Minorias sexuais e de gênero.

Introdução

A formação adequada de estudantes e profissionais de saúde em questões de saúde específicas LGBT são recomendadas para qualificar os serviços de saúde para indivíduos LGBT. A população LGBT tem uma necessidade comum de saúde competente e cuidado acessível prestado sem intolerância. Os cuidados de saúde não se restringem ao simples tratamento de usuários e seus principais sintomas/demandas com uma intervenção técnica. É preciso facilitar o acesso a cuidados e com entendimento das particularidades de suas necessidades de saúde, usar linguagem inclusiva (como o nome preferido ou nome social), reconhecer as estruturas familiares dos indivíduos e obter informações adequadas sobre medicamentos utilizados por esses usuários¹⁻³.

Contudo, a atenção à educação odontológica voltada para a população LGBT tem sido rara até agora. More *et al.*⁴ publicaram o primeiro artigo na literatura odontológica que abordou questões LGBT com os objetivos de explorar questões relacionadas às necessidades de estudantes gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, avaliar a situação relacionada às políticas de não discriminação e criar recomendações para estratégias de apoio aos estudantes LGBT em escolas de Odontologia dos Estados Unidos. A partir de então, os poucos artigos nessa área reforçam a observação de que os programas de diversidade em escolas de Odontologia não incluem pessoas LGBT e que os alunos não estão preparados para atender às necessidades dos usuários LGBT. Apenas algumas escolas de Odontologia e cursos técnicos em saúde bucal nos Estados Unidos da América (EUA) desenvolveram tópicos relacionados às necessidades abrangentes de usuários LGBT⁵. Assim, a Odontologia fica atrás da Medicina e da Enfermagem em relação ao reconhecimento dessa área e ainda não trabalhou para coletar dados, não possui um perfil de pessoas LGBT no que diz respeito à prática clínica ou educação odontológica e não oferece diretrizes para currículos.

A implantação de um ambiente de aprendizagem informativo sobre as populações LGBT promove um contexto positivo para a oferta de capacitação sobre essas questões. Quando os estudantes não recebem treinamento apropriado em questões que envolvem pessoas LGBT, os preconceitos podem se manifestar nas interações com usuários, colegas de classe, professores ou funcionários⁶.

Uma avaliação multicêntrica dos níveis de competência cultural LGBT de vários profissionais da área da saúde nos EUA mostrou que os estudantes de Odontologia relataram os mais baixos resultados gerais, em Consciência Atitudinal e Conhecimento Básico, tiveram algumas das menores quantidades de horas curriculares e extracurriculares em educação LGBT

e relataram cuidar de apenas 0,57 pacientes LGBT por ano⁷. Em um estudo realizado na Universidade do Texas, foi relatado por 82% dos estudantes de Odontologia participantes que o currículo não os habilitava para trabalhar com usuários de várias orientações sexuais⁸.

Em pesquisa realizada em escolas de Odontologia e cursos técnicos em Saúde Bucal dos Estados Unidos e Canadá, descobriu-se que em 29% das escolas de Odontologia e em 48% dos cursos técnicos não havia nenhuma abordagem de conteúdo LGBT. O desenvolvimento do corpo docente para o ensino de conteúdo LGBT se limitou a apenas 36% das escolas de Odontologia e 28% dos cursos técnicos em Saúde Bucal⁹. Em contexto semelhante, outra pesquisa realizada em três escolas de Odontologia dos Estados Unidos e do Canadá, revelou uma considerável falta de conhecimento ou reconhecimento das pessoas LGBT pelos estudantes de Odontologia, que informaram haver baixa acessibilidade a informações, recursos, serviços e suporte relacionados à população LGBT e baixos níveis de concordância sobre como o ambiente de aprendizagem atende às necessidades dos estudantes LGBT e ajuda todos os estudantes a se prepararem para oferecer serviços a pessoas LGBT no futuro⁶.

Uma revisão sistemática de programas de treinamento que buscaram reduzir o viés implícito relacionado às pessoas LGBT entre estudantes e profissionais da saúde mostrou que foram utilizadas palestras, leituras, vídeos, entrevistas ou apresentações por indivíduos LGBT e discussões em grupo. Foram abordados vários tópicos como orientação sexual, identidade de gênero, história sexual, terminologia LGBT, divulgação de orientação e identidade de gênero, discriminação e preconceito contra indivíduos LGBT, impacto da discriminação relacionada a LGBT na saúde, fatores que afetam o acesso e cuidados de saúde para usuários LGBT, mitos e estereótipos sobre pessoas LGBT, assistência em saúde para transgêneros e questões legais relevantes para indivíduos LGBT idosos¹⁰.

Em aproximadamente metade das escolas de Odontologia e cursos técnicos, o conteúdo LGBT foi intercalado em várias partes dos currículos, e 6% das escolas de Odontologia e 3% dos cursos técnicos respondeu que foi ministrado em módulos LGBT discretos em formato de palestras por 68% das escolas de Odontologia e 45% dos cursos técnicos em Saúde Bucal e as sessões em pequenos grupos eram utilizadas por 43% das escolas de Odontologia e 25% dos cursos técnicos em Saúde Bucal⁹.

É importante incluir esse assunto no currículo formal dos cursos de Odontologia e abordar tópicos como diversidade, competência cultural e assédio sexual e garantir o atendimento a usuários não heterossexuais de forma profissional e inclusiva, tornando o clima da escola inclusivo não só para os usuários, mas também para os alunos, funcionários e professores LGBT⁸⁻¹¹. As instituições de ensino, os tutores, preceptores e professores têm

importante papel na formação de pessoas e profissionais da saúde que sejam conscientes das diversidades e que proporcionem equidade para todo sistema de saúde¹².

No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de graduação em Odontologia, instituídas em 2002, não faziam menção a conteúdos relativos à diversidade de gênero e orientação sexual¹³. Com a instituição das novas Diretrizes Curriculares Nacionais em 2021, houve mudanças relacionadas à temática. Na seção relativa à atenção à saúde, no Artigo 5º, diz que a graduação em Odontologia visa à formação do cirurgião-dentista que atue, considerando a ética e as dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental e cultural¹³. Na seção que trata dos conteúdos curriculares, orienta-se a inclusão de conteúdos teóricos e práticos referentes à equidade de gênero e orientação sexual¹⁴.

Além disso, em 2011, foi implantada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)¹⁵. A marca da Política LGBT é reconhecer os efeitos da discriminação e exclusão da população LGBT no processo saúde-doença, com objetivo e diretrizes voltados para mudanças na determinação social da saúde, para reduzir as desigualdades relacionadas à saúde LGBT. O Plano Operativo da Política LGBT apresentou estratégias em seu Eixo de Educação Permanente e Educação Popular em Saúde como: inserir temáticas de saúde LGBT nos processos de educação permanente de gestores(as) e profissionais de saúde do SUS e cursos de formação voltados para profissionais de saúde, conselheiros(as) de saúde e lideranças sociais; fomentar desenvolvimento de pesquisas focadas nas prioridades em saúde e produzir materiais e estratégias educativas para promoção, proteção e recuperação da saúde da população LGBT¹⁵. Contudo, não apresentou estratégias de inclusão da temática nos cursos de graduação em saúde e deixou uma lacuna de capacitação na formação dos futuros profissionais de saúde.

Assim, respondendo às necessidades identificadas na literatura e buscando dar subsídios para o cumprimento da legislação e política pública brasileira, o presente trabalho buscou analisar como alunos e docentes do curso de Odontologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) compreendem a abordagem de questões LGBT durante o curso.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa descritiva e exploratória de abordagem qualitativa, realizada em uma faculdade privada de Odontologia de Minas Gerais. Foram levantadas informações referentes à compreensão de alunos e docentes do Curso de Odontologia sobre a abordagem

das questões LGBT no currículo do curso.

Entre os estudantes, foram sorteados 10 estudantes de cada uma das quatro turmas a partir do quinto período do curso, quando os estudantes iniciam os atendimentos clínicos e têm maiores oportunidades de contato com os usuários. Entre os professores, foram convidados os 14 docentes que eram graduados em Odontologia e estavam há mais de um ano na Instituição. Todos os participantes foram convidados individualmente, por *e-mail*, pela entrevistadora. Participaram, efetivamente, do estudo 31 estudantes e 11 professores do referido curso de Odontologia. Entre os estudantes, 21 deles declararam ter orientação heterossexual (67,8%), cinco homens gays (16,1%), um homem bissexual (3,2%), três mulheres bissexuais (9,7%) e uma mulher lésbica (3,2%). Seis professores se identificaram como tendo orientação heterossexual (54,5%), quatro homens gays (36,4%) e uma mulher lésbica (9,1%).

O estudo foi realizado em diferentes etapas. A primeira etapa consistiu na realização de quatro grupos focais com estudantes e dois com professores. Os grupos focais são grupos de discussão que dialogam sobre um tema proposto quando recebem estímulos apropriados para o debate, que utilizam da interação grupal para realizar a procura de dados¹⁶⁻¹⁸. O temário utilizado investigou o usuário LGBT; a relação profissional-usuário LGBT; o estudante LGBT; a relação professor-estudante LGBT; sugestões para mudanças do curso em relação às questões LGBT.

A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas individuais semiestruturadas com estudantes e professores com orientação LGBT. As entrevistas semiestruturadas são organizadas com perguntas abertas e o informante pode discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas de forma semelhante a uma conversa informal¹⁹. O roteiro semiestruturado com os estudantes abordou o histórico pessoal da vivência LGBT; a vivência LGBT na faculdade; preconceito e enfrentamento na faculdade; formação para a diversidade sexual no curso. Com os professores, o roteiro abordou: a avaliação da conversa no grupo focal (facilidades e dificuldades); complementações e aprofundamentos de questões apresentadas no grupo focal; vivência pessoal como estudante/professor em relação às questões LGBT apresentadas no contexto do curso/faculdade e fora do contexto do curso/faculdade. Os estudantes e professores foram recrutados pela técnica da bola de neve para as entrevistas. Assim, por meio de informantes-chaves, são indicados potenciais participantes com as características desejadas, que também indicam outros potenciais participantes, e assim sucessivamente²⁰.

Para analisar os dados obtidos foi utilizada a Análise de Conteúdo. Fazer uma Análise Temática de Conteúdo é descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja

presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. A análise temática pode ser dividida em três etapas: Primeira etapa: pré-análise que envolve leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses e objetivos; Segunda etapa: exploração do material; Terceira etapa: tratamento dos resultados obtidos e interpretação²¹. As conversas dos grupos focais e entrevistas foram transcritas na íntegra e o processo de análise e interpretação foi organizado e sistematizado. Após leitura cuidadosa para identificação de segmentos do texto relacionados entre si, foi possível realizar a codificação e a organização em categorias temáticas. A codificação transforma dados brutos do texto por recorte, agregação e enumeração, atingindo uma representação e descrição das características do conteúdo ou da sua expressão. As categorias temáticas são rubricas ou classes que agrupam as unidades de registro sob um título genérico em razão das características comuns destes elementos²².

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) da instituição de vínculo dos pesquisadores sob o CAAE: 39214520.9.0000.5152.

Resultados

A análise das conversas realizadas nos grupos focais e entrevistas semiestruturadas com estudantes e docentes do curso de Odontologia resultou em uma categoria temática à qual se nomeou “A formação para as questões LGBT” composta por quatro subcategorias constituídas por temas que representam sentidos semelhantes nas falas dos participantes, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – A formação para as questões LGBT

SUBCATEGORIA	TEMA
A inserção da temática LGBT na Odontologia	A in/exclusão de conteúdos LGBT no curso de Odontologia
	A importância da inclusão da temática LGBT no curso de Odontologia
Conhecimentos sobre a temática LGBT na Odontologia	Conhecimentos dos estudantes sobre a temática LGBT
	A importância da escola nos conhecimentos sobre orientação sexual
	Os conhecimentos dos docentes sobre a temática LGBT
	A abordagem da temática na formação dos docentes
A orientação sexual e o relacionamento entre estudantes, docentes e usuários na Odontologia	A relevância em conhecer a orientação sexual do usuário
	O respeito à orientação sexual do usuário
	O comportamento dos usuários LGBT por medo do preconceito
	A relação entre estudantes e docentes LGBT e usuários
Novos horizontes para a formação	Sugestões para a divulgação da temática LGBT pela IES
	Sugestões de inserção das questões LGBT na Odontologia

Fonte: Elaborado pelos autores.

a) A inserção da temática LGBT na Odontologia

A subcategoria “a inserção da temática LGBT na Odontologia” revela o espaço que as questões LGBT ocupam no ambiente acadêmico e no currículo do curso de Odontologia da IES e a importância que os participantes atribuem a ela. Esta subcategoria envolve dois temas principais.

O primeiro tema é “a in/exclusão de conteúdos LGBT no curso de Odontologia” que envolve a percepção dos participantes sobre a presença desses conteúdos nas disciplinas do curso. Nesse caso, houve manifestações divergentes a respeito dessa abordagem. Os estudantes, em sua maioria, não lembravam de episódios de abordagem. Alguns lembravam de forma superficial, de atividades que envolviam nome social em casos clínicos ou disciplinas associando a população LGBT a comportamentos de risco e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Os docentes também manifestaram opiniões antagônicas. Um professor gay relatou que sempre abordava essa temática quando tinha oportunidade. Mas, os demais professores participantes afirmaram que não faziam essa abordagem em suas disciplinas.

Então, eu falo. Mas, são todos os professores que falam? Não. [...] Então, assim, é bem complicado! Porque, às vezes, fica um só, fazendo ali toda a força para tentar estimular essa temática porque, às vezes, o aluno se sente representado naquela aula ali, né? E a gente, infelizmente, acaba não falando disso da maneira que tinha que ser. (P4, docente gay).

Eu confesso que quando você foi falar com a gente na aula, eu fiquei até surpresa! Porque [...] a gente já tá passando pra mais da metade do curso, e a gente nunca tinha ouvido nada relacionado. (A2, estudante hétero).

Foi bem raso, [...] Tanto é que eu nem lembro muito específico.[...] não lembro se foi uma conferência, se foi uma tutoria exato, sabe? Tipo assim, que foi abordado esse assunto. Muito bem raso, muito mesmo! Sabe? (A25, estudante gay).

O segundo tema fala da “importância da inclusão da temática LGBT no curso de Odontologia”. Os estudantes consideraram importante essa inclusão porque se sentiriam mais preparados para o relacionamento com os usuários em sua prática profissional, usando termos corretos, com respeito, com equidade, criando um vínculo com esses usuários. Manifestaram que a ausência dessa temática no currículo do curso representa uma lacuna em sua formação profissional. Em relação aos docentes, houve posicionamentos antagônicos. Enquanto alguns afirmaram ser importante e relevante a inclusão da temática no currículo do curso de Odontologia, para oferecer uma formação completa aos estudantes, outros manifestaram que a temática não caberia na disciplina ofertada. Em ambos os casos, houve docentes e discentes que se mostraram preocupados quanto à abordagem desses conteúdos na Odontologia, justificando

que as pessoas são preconceituosas e que as aulas sobre essa temática poderiam não ser bem vistas por alguns estudantes.

Eu acho! Eu acho que faz falta porque, por exemplo, é importante que as pessoas tenham conhecimento do que é diversidade de gênero, diversidade de... é... identidade sexual, a diversidade das orientações sexuais. (A7, estudante gay).

Acho que teriam alunos que ficariam incomodados com a temática e não iriam assistir à aula. Só se fosse obrigatória, né? (A28, estudante bissexual).

Então, se a gente não tinha atrás e, agora, começa a surgir [...]. Então, basta a gente também, sempre incentivar e estar mostrando aí a importância do tema. (P10, docente gay).

Então, eu acho, assim, [...] é um assunto que tem que ser levantado, mas com muito cuidado! Né? Para que seja aceito, né? E que ele passe, realmente, a fazer parte do nosso currículo. (P5, docente hétero).

b) Conhecimentos sobre a temática LGBT na Odontologia

A segunda subcategoria traz os “conhecimentos sobre a temática LGBT na Odontologia” tanto de estudantes quanto de docentes do curso, bem como, descrições de como se deu a abordagem da temática na formação prévia dos participantes. Nela, emergiram quatro temas principais.

O primeiro tema desta subcategoria abarca os “conhecimentos dos estudantes sobre a temática LGBT”. A maioria dos estudantes demonstrou falta de conhecimentos sobre a temática, como o significado das letras que compõem a sigla e sobre a legislação que envolve os direitos das pessoas LGBT.

Porque, igual, por exemplo, eu não sei, eu sei o que que é a sigla LGBT, mas o resto, que agora já é LGBT Q... e tem um mais (+) parece, né? E eu não sei o que que isso significa. (A11, estudante hétero).

Eu não sei ainda, tenho até que pesquisar. Mas eu acho que tinham liberado para a pessoa ir lá e conseguir fazer a mudança, né, no nome no documento, e parece que vieram agora, [...] e barraram isso de novo. Entendeu? Eu acho mais nesse sentido mesmo. (A1, estudante gay).

O segundo tema é “a importância da escola nos conhecimentos sobre orientação sexual.” Houve falas ressaltando a importância da escola na oferta dos conhecimentos sobre orientação sexual, quando o tema poderia ser introduzido de forma natural, sem geração de polêmicas ou discursos preconceituosos.

“Alguma coisa, alguma orientação na escola. Porque isso tem que começar na escola! A gente aprende na escola, órgãos sexuais é... do homem e da mulher. Então, porque não aprender sobre as orientações também?” (A17, estudante hétero).

O terceiro tema desta categoria representa os “conhecimentos dos docentes sobre a temática LGBT”. Aqueles que pertenciam à orientação LGBT demonstraram mais conhecimentos sobre a temática. Os demais mostraram conhecimentos limitados.

É engraçado, o P3 falar que aluno não tem sexo. P3, por isso que hoje, nos meus escritos, eu tenho usado a palavra estudantes, e não alunos. Porque aí, já fica, eu não preciso colocar um pronome ou um artigo para eles, né? Então, estudantes, de maneira geral! Porque, aí, fica muito mais fácil de... até para respeitar também as pessoas não binárias, enfim, que vivem ali, no pronome neutro, né? A gente vai... eu tô tendo bastante cuidado com isso! [...] Porque aí, fica todo mundo contemplado de uma maneira feliz! É isso mesmo! Estudante não tem gênero, né? Não tem sexo! É estudante! Pronto! É só isso. (P4, docente gay).

O P4 fica falando alguns termos, falando algumas coisas e eu me sinto assim, ignorante sobre o assunto mesmo! No sentido de ignorar, não saber sobre, né? E eu acho superinteressante! Seria muito legal saber mais e ter tido essa capacitação, né? (P1, docente hétero).

O quarto tema é “a abordagem da temática na formação dos docentes”. Quando foi perguntado sobre a abordagem da temática em sua formação, as respostas foram unânimes: pouca ou nenhuma abordagem e preconceito por parte dos docentes e de colegas no meio acadêmico. Os professores que se graduaram há mais tempo atribuíram a falta de abordagem ao período em que as pessoas LGBT sofreram preconceitos, nas décadas de 1980 e 1990, relacionados às ISTs e HIV. Porém, professores com menor tempo de formação relataram que o desinteresse em abordar a temática para oferecer uma formação mais completa na Odontologia continuou ocorrendo até os tempos recentes, revelando um desprezo pela inclusão do tema em todos os tempos.

Eu também já formei há 20 anos, né? Então, na minha época de graduação, realmente, a gente não teve, nem se tocava no assunto, né? Era um tabu muito grande. Ainda não se falava com tanta abertura quanto a gente fala, está falando aqui hoje, né? Mas, já no mestrado [...] falou-se sobre o assunto, mas não se aprofundou, né? Gostaria até que tivesse tido mais, se falado mais, né? (P1, docente hétero).

[...] Mas isso não tem muito a ver com idade, não! Eu sou o mais novo, tenho seis anos de formado. E eu não tive abordagem nenhuma disso! [...] Não tive nada! Nada, nenhuma aula! Nem na graduação, nem no mestrado, nem no doutorado, que é super recente. Eu defendi meu doutorado tem dois anos só e, nada! Não tive. (P3, docente gay).

c) A orientação sexual e o relacionamento entre estudantes, docentes e usuários na Odontologia

Esta subcategoria “a orientação sexual e o relacionamento entre estudantes, docentes e usuários na Odontologia” mostrou o papel da orientação sexual nas relações profissionais entre

estudantes, docentes e usuários. Nela, emergiram quatro temas relevantes.

O primeiro tema é “a relevância em conhecer a orientação sexual do usuário”. Os participantes opinaram de formas divergentes em relação à relevância em conhecer a orientação sexual do usuário. A maioria, tanto de estudantes quanto de docentes, concordou que, para a prática clínica diária, para o atendimento odontológico clássico, essa informação seria irrelevante. Mas também, houve posicionamentos de estudantes e docentes que consideraram importante questionar a orientação sexual do usuário nos casos das pessoas transexuais que fazem uso de terapia hormonal e poderia haver interferência nos procedimentos odontológicos. Levantou-se, ainda, a relação entre pessoas LGBT com IST e HIV, colocando como relevante conhecer a orientação sexual do usuário quando ele tem um comportamento de risco.

E em relação a Protocolos, não muda nada, né? A mesma sistemática que o aluno vai exercer desde a entrevista clínica até o procedimento clínico, independe. Mais, só em relação a diagnóstico mesmo [...]. Mas, na nossa área também[Saúde Coletiva], é muito restrito, né? Então, não faz diferença, eu acho. (P9, docente hétero).

Eu acho que sim! Porque existem várias coisas que podem influenciar na saúde bucal desse paciente. Tanto, a orientação não é uma coisa que a gente pergunta na entrevista. Mas, é uma coisa importante porque, às vezes, principalmente, paciente trans, que toma hormônio, essas coisas. (A31, estudante bissexual).

O segundo tema é “o respeito à orientação sexual do usuário”, em que todos os estudantes e professores consideraram importante respeitar a orientação sexual dos usuários e suas expectativas para o tratamento odontológico. Atitudes como respeito ao nome social escolhido pelo usuário, acolhimento e abertura ao diálogo com essas pessoas foram falas que ocorreram em vários momentos da pesquisa.

Ser chamado pelo nome correto, ser respeitada essa escolha aí, ser chamado pelo nome social, né? (P1, docente hétero).

Mas, é claro que eu procuro o máximo respeitar o paciente independente de gênero, grau, cor, enfim! [...]... a gente tinha que fazer o paciente, atender o paciente da forma que ele se sinta confortável e eu faria isso com qualquer outro também. (A21, estudante hétero).

O terceiro tema fala sobre “o comportamento dos usuários LGBT por medo do preconceito”. Tanto professores quanto estudantes que tiveram contato com usuários LGBT nos atendimentos relataram ter vivido esse tipo de experiência. Usuários que já tinham um histórico de preconceito, violência e discriminação ao longo de suas vidas que se sentiam inseguros em procurar o serviço temendo passar novamente pelas mesmas situações e só buscavam atendimento quando suas condições de saúde bucal se encontravam precárias.

Porque, às vezes, a pessoa fica acanhada de falar, ou então, já passou por constrangimentos de passar o nome social e as pessoas ficarem chamando só pelo nome de batismo, de registro, né? (P7, docente hétero).

Eu acho que esses pacientes não procuram atendimento por esse medo, sabe? Por encontrar uma pessoa que já tem um preconceito embutido, porque eu acho que as pessoas que vão tratar diferente esses pacientes, são pessoas que já tem um preconceito que já vem de antes, sabe? (A15, estudante hétero).

O quarto tema fala da “relação entre estudantes e docentes LGBT e usuários” e houve variados pontos de vista. Houve estudantes e docentes que presenciaram situações de tranquilidade e respeito, mas também, houve relatos de resistência por parte desses usuários em serem atendidos por profissionais LGBT. Houve, ainda, uma comparação entre os participantes de que usuários adultos e idosos tendem a ser mais preconceituosos do que usuários mais jovens.

Já. Eu já passei por uma bem constrangedora, assim que eu formei, que eu fui para uma clínica popular. Que, eu chamei o paciente na recepção, e o paciente, eu vi que ninguém levantou. [...]. Mas, ele levantou e foi até a secretária e comentou que não queria, que queria ser atendido por um homem de verdade. (P10, docente gay).

Mas, assim, realmente falar da reação, a gente sabe que realmente [...]. As mulheres são bem mais tolerantes ou evoluídas nessa questão em relação à maioria dos homens, né? Mas, também tem homens [...] que, realmente isso é irrelevante, né? (P2, docente hétero).

É de boa, sabe? Eu tinha esse medo. E tive a oportunidade de passar isso agora. Que bom que ainda passou, né? [...] Porque senão, quando eu fosse atender o meu primeiro paciente, eu ia ficar com medo, né? De eles serem homens e, de certa forma, ter um preconceito. Mas, é tranquilo. (A25, estudante gay).

[...] eu, em relação ao paciente, eu já tive essa experiência totalmente ao contrário. O fato deles elogiarem o professor, elogiarem a atenção que ele tem com a gente, com o paciente. Nada relacionado à orientação dele. Foi somente como profissional. Isso nem foi citado, nem foi questionado [...] (A22, estudante hétero).

d) Novos horizontes para a formação

A quarta subcategoria busca “novos horizontes para a formação”. Esta subcategoria representa o que se espera por parte de estudantes e docentes que seja feito tanto pela IES quanto pelos representantes do curso de Odontologia para incluir a temática LGBT no cotidiano da IES e nos currículos dos cursos de graduação, incluindo a Odontologia. Nesta categoria, surgiram dois temas.

O tema com as “sugestões para a divulgação da temática LGBT pela IES” trouxe falas tanto de estudantes quanto de docentes que sentiram falta da utilização da mídia pela IES no mês de junho que representa o orgulho LGBT, já que são feitas campanhas publicitárias no outubro rosa, novembro azul e outros meses temáticos. Há sugestões por parte dos estudantes de utilizar uma disciplina que faz parte da base comum curricular da IES para inserir a temática

LGBT, bem como, introduzir a temática também nos congressos e semanas acadêmicas promovidas pela IES.

Mas o que eu acho que falta da IES em si, em geral, é posicionamento. Por exemplo, a gente tá no mês LGBT! Eu, particularmente, não vi uma publicação da Instituição, nem que seja, tipo assim, apoiando ou falando sobre o tema, entendeu? Eu acho que é o que falta! Posicionamento da Instituição! Por essa causa. (A1, estudante gay).

Tem uma matéria, que ela é comum de todos os cursos, que ela é a base curricular. Que é cultura e sociedade. E eu acho que isso é uma pauta que cabe muito bem na disciplina. E que poderia ser abordada também nesse momento. Isso, falando nos cursos em geral. (A19, estudante hétero).

E até, também, a gente tem é... [...] um monte de congressos [...] talvez, inserir nesses congressos palestras com pessoas de identidade LGBT, ou até mesmo profissionais. Por exemplo, no nosso, dentistas LGBT. [...] Eu acho que seria uma boa porque esses congressos têm um público alto. Os alunos participam muito!. (A4, estudante hétero).

O tema com as “sugestões de inserção das questões LGBT na Odontologia” trouxe, por parte dos estudantes, falas como necessidade de aprofundar na temática dos casos clínicos, como orientações de condutas de acolhimento dos usuários LGBT. Utilizar da disciplina de Saúde Coletiva para introduzir a temática no início do curso e dar continuidade ao longo dos semestres, reforçando no período anterior ao início dos atendimentos clínicos para preparar esses estudantes para a atendimento aos usuários LGBT. Houve também sugestões para criação de cartilhas com informações básicas sobre a população LGBT, com os termos corretos a serem utilizados na comunicação com os usuários nos atendimentos clínicos. Surgiram ideias de integração com o curso de Psicologia da IES para criar programas de atendimento integral à população LGBT. Os estudantes também ressaltaram a necessidade de capacitação não só deles mas também dos professores sobre a temática, pois sentem que esses são limitados nos conhecimentos sobre a população LGBT.

Os docentes opinaram de forma semelhante aos estudantes no que diz respeito à introdução da temática no curso de Odontologia. Concordaram que deve ser introduzida no início do curso com a disciplina de Saúde Coletiva, com informações básicas e ir se aprofundando a cada semestre para preparar os estudantes para o atendimento à população LGBT. Os docentes também concordaram que a implantação de uma disciplina com essa temática deve seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para adequar a matriz curricular do curso. Houve também por parte de professores gays o desejo de implantar um ambulatório para atendimento multidisciplinar das pessoas transexuais, proporcionando acolhimento a atenção integral à saúde dessas pessoas.

Eu acho que a gente poderia fazer uma matéria, não seria optativa, seria obrigatória, igual a todas as outras. [...] É, tipo, Odontologia e Sexualidade, alguma coisa assim. Porque, por ser uma coisa mais ampla, eu traria uma tutoria e traria uma clínica também, voltada para esses pacientes. (A31, estudante bissexual).

Os currículos, eles são mutáveis. Eles não são engessados. Tanto é que, existem as DCNs que são nacionais, [...] Por que não evoluir a coisa de uma maneira que a gente vá acompanhando a evolução das DCNs? (P4, docente gay).

Sobre conduta, sobre tratamento, como é que a gente deve fazer o acolhimento desse paciente, qual é a necessidade ou não de um tratamento especial... Para essa questão ser maior difundida! E aí, eu acho que, quando a gente enquadra essas questões na grade curricular, numa disciplina [...] que a gente tem desde o início do curso até o final, acaba que o assunto, ele se difunde. (A2, estudante hétero).

Então! Aí, são as tentativas que a gente faz, né? Porque eu estou falando com o [...] médico lá da Unidade de Saúde. Ele está me colocando em contato, agora, com a médica [...] responsável pelo atendimento das pessoas trans aqui [...] para a gente ver se a gente consegue firmar um ambulatório multiprofissional, mesmo, assim. Com participação dos alunos da Medicina, alunos da Odonto, chamar alguém da Psicologia, chamar os alunos da Psicologia. Com participações especiais do pessoal da Fisioterapia, da Nutrição porque precisa, né? Trabalho de formiguinha! (P4, docente gay).

Discussão

A análise da categoria identificada aponta para os desafios da implementação de uma formação que inclui as questões da diversidade sexual. Cada subcategoria analisada revelou um aspecto a ser considerado no processo de formação em Odontologia para as questões LGBT.

Assim, a primeira subcategoria mostrou como estudantes e docentes consideram que há uma ausência da abordagem de conteúdos LGBT na Odontologia, o que é compatível com as pesquisas internacionais da área que trazem resultados de pouco interesse de diretores de instituições de ensino em incluir os conteúdos em seus currículos, resultando em baixa acessibilidade a informações, recursos, serviços e suporte relacionados à população LGBT e baixos níveis de concordância sobre como o ambiente de aprendizagem ajuda os estudantes a se prepararem para oferecer cuidados a pessoas LGBT^{5,6,9}. Frente a essa ausência, os relatos apontam para uma forte ambiguidade na inserção da temática LGBT na Odontologia. Por um lado, eles destacam a importância de sua inclusão no curso. Por outro lado, entendem que se trata de um tabu, sendo necessária uma abordagem cautelosa do tema. Esse receio para a abordagem explícita as possíveis resistências em contextos conservadores, tal como o vivido pela sociedade brasileira. Como no movimento antigênero, no qual propostas educacionais inclusivas, antidiscriminatórias, que valorizam a laicidade, o pluralismo e o reconhecimento das diferenças, e garantem o caráter público e cidadão da formação escolar, são vistas como “ameaça à liberdade de expressão, crença e consciência” das famílias. A heterossexualidade

normalizada como única expressão sexual e de gênero envolve toda a comunidade escolar e leva a um difuso assujeitamento conformista no cotidiano escolar através de autocensura dos dirigentes e docentes imersos em ambiências hostis²³.

A análise da segunda subcategoria apontou que estudantes e docentes possuem conhecimentos limitados e pouca formação sobre a temática LGBT na Odontologia. Observou-se que tanto estudantes quanto professores não tinham conhecimentos suficientes sobre a população LGBT, desde o significado da sigla até os direitos dessa população. Esses resultados assemelham-se ao que é demonstrado na literatura. Nowaskie *et al.*⁷, manifestaram que, nos EUA, existem vieses implícitos e explícitos significativos e vários níveis de preparação entre os estudantes de profissões de saúde consequentes da não obrigatoriedade das iniciativas educacionais LGBT atuais, assim como da variabilidade dos métodos em relação à exposição do usuário, horas curriculares e conteúdo curricular. Outros estudos mostraram que estudantes de Odontologia tiveram algumas das menores quantidades de horas curriculares e extracurriculares em educação LGBT, com abordagens nulas ou insignificantes desses conteúdos comparando com estudantes de outros cursos da área da saúde^{4,7,11}. Contudo, vale notar que, no presente estudo, os professores com orientação sexual LGBT relataram melhores níveis de conhecimento sobre a temática. Esse resultado convida a refletir sobre os diferentes modos de formação sobre a temática, bem como a importância desses profissionais no corpo docente da instituição. Nesse sentido, Raimondi; Moreira; Barros²⁴ apontam a necessidade urgente de problematizar o processo educativo das questões de gênero e sexualidade para o cuidado em saúde que impõe a heterossexualidade compulsória no discurso oficial, por meio do currículo formal, e extraoficial, pelo currículo oculto. Os autores ainda defendem o fortalecimento de uma rede de apoio, baseada na solidariedade, como forma de viabilizar uma luta pautada na pedagogia da esperança, com amorosidade e diálogo.

A terceira subcategoria apresentou a avaliação do papel da orientação sexual nas relações entre estudantes, professores e usuários e indicou que todos concordam que é importante respeitar a orientação sexual dos usuários e manter posturas acolhedoras no relacionamento com eles. Assim como disseram MacDonald *et al.*³, um tratamento eficaz não se limita a ser apenas curativo, mas também em ter valor e importância para a pessoa que o recebe. Uma bandeira com o arco-íris ou declaração de política de não discriminação colocados em local visível para quem acessa os serviços de saúde oferece conforto e acolhimento aos usuários LGBT. Ao mesmo tempo, de forma geral, os participantes não consideram importante conhecer a orientação sexual dos usuários quando se trata do atendimento em saúde. Resta o impasse no atendimento: como respeitar a orientação sexual dos usuários se não é importante

conhecê-la? Outro fato interessante é que, durante os grupos focais e entrevistas individuais, não foi discutida a importância de conhecer a orientação sexual dos docentes e nem dos estudantes, a discussão ficou centralizada nos usuários.

Segundo os participantes, o conhecimento da orientação sexual é necessário apenas em casos de usuários que usam terapias hormonais ou que tenham comportamentos de risco para ISTs e HIV/AIDS. Isso mostra que ainda há uma associação entre pessoas LGBT e ISTs e HIV/AIDS, resultando em preconceito e estigmatização das pessoas LGBT⁹. Paradoxalmente, os participantes relatam sobre a dificuldade dos usuários em buscar os cuidados odontológicos por medo do preconceito. A literatura também mostra como usuários LGBT são estigmatizados e mal interpretados por vários profissionais da saúde e têm dificuldades em buscar os atendimentos por medo do preconceito. Quando procuram atendimento em saúde, escondem sua orientação sexual, permitem que o profissional presuma que eles sejam heterossexuais por medo de não terem um atendimento de qualidade²⁵.

A quarta subcategoria trouxe sugestões de novos horizontes para a formação com a inclusão da temática LGBT no cotidiano da instituição e do curso de Odontologia. Em relação às ações sugeridas para a instituição, tanto estudantes quanto docentes sugeriram campanhas publicitárias inclusivas na mídia e em cursos e congressos promovidos por ela. Esse posicionamento contribui para a visibilidade de pessoas LGBT no meio acadêmico. Aqui vale uma observação de que não houve sugestões pelos participantes de implantação de um serviço de apoio da Instituição aos estudantes LGBT, com o intuito de combater o preconceito e a homofobia institucional. As sugestões se limitaram ao incentivo de divulgação da temática e aos cuidados com usuários. A ideia de que todas as pessoas são heterossexuais ainda domina a sociedade que baseia suas práticas sociais, costumes, currículo e fé neste sistema de crenças. Contrariar esse padrão de pensamento pode causar medo, ansiedade e desconforto na relação com a sociedade⁸.

Em relação às sugestões para a inclusão das questões LGBT na Odontologia, houve discussões sobre qual seria a melhor forma para essa inclusão: a incorporação como parte do conteúdo da disciplina de Saúde Coletiva; a criação de uma nova disciplina específica de “Odontologia e Sexualidade”; a inserção da temática de forma transversal, em todas as disciplinas; ou abordagens intercurso da temática, integrando a Odontologia com cursos como Psicologia, permitindo uma incrementação qualificada nos conhecimentos sobre o tema. A literatura internacional também traz variadas possibilidades para a incorporação da temática no currículo da Odontologia⁸⁻¹⁰. O treinamento clínico interprofissional com foco na saúde LGBT, com atividades clinicamente relevantes, favorece o desenvolvimento de habilidades de

comunicação e trabalho em equipe, aumenta a visibilidade das iniciativas de saúde LGBT dentro de uma universidade ou sistema de saúde, melhora o ambiente de treinamento e impacta o nível de conforto e as atitudes dos estudantes com os usuários LGBT².

Considerações Finais

O estudo apresentou um panorama da inserção das questões LGBT na Odontologia, apontando desafios e possibilidades para sua efetiva inclusão. É importante contextualizar e reconhecer seus limites, haja vista que foi realizado com participantes de uma única IES. Além disso, a metodologia se restringiu aos relatos verbais e auto-avaliação dos participantes. Outro limite encontrado foi a escassa literatura que aborda a temática, a qual corresponde a estudos internacionais, de outros contextos culturais. Mais investigações são necessárias, em outras IES, buscando incorporar a observação do cotidiano da instituição e os documentos do Projetos Pedagógicos do Curso, para alcançar uma visão mais ampla da situação da temática em nosso país. É importante também envolver os Conselhos Federal e Estaduais de Odontologia na discussão da inclusão dessa temática na formação dos futuros profissionais da Odontologia, fazendo valer a legislação da profissão e da educação superior.

Referências

1. Russell S, More F. Addressing health disparities via coordination of care and interprofessional education: lesbian, gay, bisexual, and transgender health and oral health care. *Dent Clin North Am*. 2016;60(4):891-906. doi:10.1016/j.cden.2016.05.006.
2. Greene MZ, France K, Kreider EF, Wolfe-Roubatis E, Chen KD, Wu A, et al. Comparing medical, dental, and nursing students' preparedness to address lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer health. *PLoS One*. 2018;13(9):e0204104. Published 2018 Sep 20. doi:10.1371/journal.pone.0204104.
3. Macdonald DW, Grosseohme DH, Mazzola A, Pestian T, Schwartz SB. "I just want to be treated like a normal person": Oral health care experiences of transgender adolescents and young adults. *J Am Dent Assoc*. 2019;150(9):748-754. doi:10.1016/j.adaj.2019.03.025.
4. More FG, Whitehead AW, Gonthier M. Strategies for student services for lesbian, gay, bisexual, and transgender students in dental schools. *J Dent Educ*. 2004;68(6):623-632. doi:10.1002/j.0022-0337.2004.68.6.tb03780.x
5. Ploumen R, Livas C. Students' awareness of LGBT resources in Dutch dental schools. *J*

- Dent Educ. 2020;84(8):881-886. doi:10.1002/jdd.12112.
6. Feng X, Mugayar L, Perez E, Nagasawa PR, Brown DG, Behar-Horenstein LS. Dental Students' Knowledge of Resources for LGBT Persons: Findings from Three Dental Schools. *J Dent Educ.* 2017;81(1):22-28. doi:10.1002/j.0022-0337.2017.81.1.tb06243.x
 7. Nowaskie DZ, Patel AU, Fang RC. A multicenter, multidisciplinary evaluation of 1701 healthcare professional students' LGBT cultural competency: Comparisons between dental, medical, occupational therapy, pharmacy, physical therapy, physician assistant, and social work students. *PLoS One.* 2020;15(8):e0237670. Published 2020 Aug 13. doi:10.1371/journal.pone.0237670.
 8. Behar-Horenstein LS, Morris DR. Dental School Administrators' Attitudes Towards Providing Support Services for LGBT-Identified Students. *J Dent Educ.* 2015;79(8):965-970. doi:10.1002/j.0022-0337.2015.79.8.tb05988.x
 9. Hillenburg KL, Murdoch-Kinch CA, Kinney JS, Temple H, Inglehart MR. LGBT Coverage in U.S. Dental Schools and Dental Hygiene Programs: Results of a National Survey. *J Dent Educ.* 2016;80(12):1440-1449. doi:10.1002/j.0022-0337.2016.80.12.tb06231.x
 10. Morris M, Cooper RL, Ramesh A, Tabatabai M, Arcuri TA, Shin M, et al. Training to reduce LGBTQ-related bias among medical, nursing, and dental students and providers: a systematic review. *BMC Med Educ.* 2019;19(1):325. Published 2019 Aug 30. doi:10.1186/s12909-019-1727-3.
 11. Anderson JI, Patterson AN, Temple HJ, Inglehart MR. Lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) issues in dental school environments: dental student leaders' perceptions. *J Dent Educ.* [internet] 2009[citado 2020 Out 4];73(1):105-118. doi:10.1002/j.0022-0337.2009.73.1.tb04643.x.
 12. Varotto BL, Massuda M, Nápole RD, Antequera R. População LGBTQIA+. *Revista da ABENO* [Internet]. 9 fev 2022 [citado 11 dez 2022];22(2):1542. doi:10.30979/revabeno.v22i2.1542
 13. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (Brasil). Resolução nº 3, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Odontologia. *Diário Oficial da União* 4 mar 2002; Seção 1.
 14. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (Brasil). Resolução nº 3, de 21 de junho de 2021. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Odontologia. *Diário Oficial da União* 22 jun 2021; Seção 1.
 15. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de

- Apoio à Gestão Participativa (Brasil). Portaria 2836 de 1 de dezembro de 2011. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Diário Oficial da União 22 jun 2021; Seção 1.
16. Iervolino SA, Pelicioni MC. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [Internet]. Jun 2001 [citado 2022 Dez 3];35(2):115-21. doi:10.1590/s0080-62342001000200004.
 17. Aschidamini IM, Saupe R. Grupo Focal Estratégia Metodológica Qualitativa: Um Ensaio Teórico. *Cogitare Enfermagem* [Internet]. Jun 2004 [citado 2020 Out 4];9(1):9-14. doi:10.5380/ce.v9i1.1700.
 18. Ressel LB, Beck CL, Gualda DM, Hoffmann IC, Silva RM, Sehnem GD. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto - Enfermagem* [Internet]. Dez 2008 [citado 2022 Dez 3];17(4):779-86. doi:10.1590/s0104-07072008000400021.
 19. Boni V, Quaresma SJ. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciência Sociais. Em Tese [Internet]. Jan 2005 [citado 2020 Out 4];2(1):142805180. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>.
 20. Vinuto J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas* [Internet]. 30 dez 2014 [citado 2022 Dez 3];22(44):203-20. doi:10.20396/tematicas.v22i44.10977.
 21. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14a ed. São Paulo: Hucitec; 2014. 407 p.
 22. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016. 279 p.
 23. Diniz Junqueira R. “Ideologia de gênero”: uma ofensiva reacionária transnacional. *Tempo e Presença Digital - KOINONIA*. Jun 2019;1(32).
 24. Raimondi GA, Moreira C, Barros NF. Gêneros e sexualidades na educação médica: entre o currículo oculto e a integralidade do cuidado. *Saúde e Sociedade* [Internet]. Set 2019 [citado 11 dez 2022];28(3):198-209. doi:10.1590/s0104-12902019180722
 25. Aguilar E, Fried J. Enhancing dental and dental hygiene student awareness of the lesbian, gay, bisexual and transgender population. *J Dent Hyg*. 2015;89(1):11-16.

APÊNDICE A – ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM DOCENTES E ESTUDANTES

Os grupos focais foram estruturados usando tópicos disparadores. A partir do discurso e da interação dos participantes, foram formuladas novas questões que puderam ser relevantes para o estudo pela moderadora. A moderadora do grupo focal realizou abertura e fechamento do grupo, estimulou a participação de todos os presentes, mediou a relação entre os participantes, e solicitou esclarecimentos, quando se fizeram necessários.

Os tópicos disparadores a utilizados foram:

- O usuário LGBT;
- A relação profissional-usuário LGBT;
- O estudante LGBT;
- Relação professor-estudante LGBT;
- Sugestões para mudança do curso em relação às questões LGBT.

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COM ESTUDANTES LGBT

As entrevistas semiestruturadas são organizadas com perguntas/temas abertos e o informante pode discorrer sobre o tema proposto, de forma semelhante a uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005).

Temas da entrevista:

- 1) Histórico pessoal da vivência LGBT.
- 2) Vivência LGBT na faculdade.
- 3) Preconceito e Enfrentamento na faculdade.
- 4) Formação para a diversidade sexual no curso.

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COM DOCENTES LGBT

As entrevistas semiestruturadas são organizadas com perguntas abertas e o informante pode discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas de forma semelhante a uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005).

- 1) Avaliação da conversa no grupo focal (facilidade e dificuldades).
- 2) Complementações e aprofundamentos de questões apresentadas no grupo focal (O usuário LGBT; A relação profissional-usuário LGBT; O estudante LGBT; Relação professor-estudante LGBT; Sugestões para mudança do curso em relação às questões LGBT).
- 3) Vivência pessoal como estudante/professor em relação às questões LGBT apresentadas: a) no contexto do curso/faculdade; b) fora do contexto do curso/faculdade.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

As Questões LGBT no Ensino da Odontologia

E-mail: _____

Nome completo: _____

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “As Questões LGBT no Ensino da Odontologia”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Fernanda Carneiro de Bastos Souto, mestranda em Saúde da Família pelo programa PROFSAÚDE na Universidade Federal de Uberlândia; Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera, professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa, buscamos analisar o ponto de vista dos estudantes e docentes sobre as questões LGBT no ensino da Odontologia. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Fernanda Carneiro de Bastos Souto antes do início da pesquisa para que sua decisão de participar ou não da pesquisa possa ser feita com calma, tranquilidade e com tempo suficiente. Na sua participação, acontecerá uma sessão com grupo focal e/ou uma entrevista individual pelo Google Meet com o tema das questões LGBT no ensino da Odontologia. O roteiro das atividades será semiestruturado, com duração média de uma hora para o grupo focal e 45 minutos para a entrevista individual. As atividades serão compostas por questões abertas pré-definidas que poderão ser expandidas pela entrevistadora, se julgar necessário. Durante a realização do grupo ou da entrevista, você pode se sentir indisposto(a) e/ou desconfortável pelas perguntas feitas e pelo fato das atividades estarem sendo áudio e vídeo gravadas, porém a entrevistadora se esforçará para promover um ambiente e um clima de respeito, além de deixar claro que você pode desistir da participação em qualquer momento. As entrevistas serão gravadas por áudio e vídeo e depois transcritas. Após a transcrição das gravações para a pesquisa, todo o material será desgravado. As transcrições ficarão sob guarda e responsabilidade dos pesquisadores, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Após esse prazo, serão destruídas. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Os riscos consistem em ocorrer a identificação dos participantes. Mas, para minimizar esses riscos, serão utilizados nomes fictícios no trabalho. A equipe executora se compromete com o sigilo absoluto da identidade do entrevistado. Os benefícios serão contribuir para a formação integral dos estudantes de Odontologia, inclusive nas questões relativas à melhoria do atendimento à população LGBT com base na formação adquirida no curso. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Você receberá 35 por *e-mail* a cópia deste formulário do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a confirmação de sua participação na pesquisa. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Emerson F. Rasera no telefone (34) 3225-8506 pelo endereço: Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Rua Maranhão, s/n, Bairro Umuarama, Bloco 2C, sala 47; Fernanda Carneiro de Bastos Souto no telefone (34)99212-2437, [trecho ocultado] Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direito) Direito

s_Eticos_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

- Sim, desejo participar da pesquisa.
- Não desejo participar da pesquisa.